

A OUTRA GUERRA DO FIM DO MUNDO AS MALVINAS E "REDEMOCRATIZAÇÃO" DA AMÉRICA DO SUL

Oswaldo Coggiola

1. QUESTÃO NACIONAL, MILITARISMO, MALVINAS

Entre inícios de abril e meados de junho de 1982 teve lugar o enfrentamento militar entre Argentina e Inglaterra (apoiada pelos EUA) pela posse e soberania das Ilhas Malvinas, ocupadas por tropas argentinas a 2 de abril de 1982. Depois da Segunda Guerra Mundial, o das Malvinas foi um dos conflitos em que mais perto se esteve do uso de armas atômicas, carregadas pela frota inglesa ao Atlântico Sul para seu eventual uso contra o território continental argentino. Na guerra, as forças armadas argentinas usaram 14.200 soldados; o Reino Unido, 29.700, com armamento e apoio logístico muito superior. O saldo final da guerra foi a recuperação do arquipélago pelo Reino Unido e a morte de 650 soldados argentinos, além de 1068 feridos (muitos de gravidade) e de 11.313 prisioneiros; de 255 soldados britânicos, e de três civis das ilhas, mortos, além de 777 feridos. Na década posterior à guerra, houve aproximadamente 350 suicídios de ex-combatentes argentinos, reduzidos na sua maioria a uma situação de miséria social; os suicídios de ex soldados ingleses atingiram a soma de 264.

O cenário bélico, incluída a ilusão da ditadura argentina de recuperar as ilhas pela via do enfrentamento (ou da ameaça) militar convencional, foi preparado no contexto da militarização das economias e das sociedades sul-americanas, no período dominado pelas ditaduras militares. Entre 1960 e 1978 o PIB dos países do Terceiro Mundo cresceu a um ritmo médio de 2,7% anual, enquanto que os gastos militares nesses mesmos países cresceram com um ritmo de 4,2% anual. O SIPRI (Instituto de Pesquisas para a Paz, de Estocolmo) assinalou que a América Latina - especialmente o Brasil e a Argentina - tradicionalmente marginal na corrida armamentista mundial, encontrava-se na cabeça dessa tendência no Terceiro Mundo: em 1981, os gastos

militares latino-americanos superavam anualmente 60 bilhões de dólares. Tratava-se de um “militarismo dependente” (tecnológica e comercialmente) e completamente reacionário. Os exércitos se armavam para combater a “subversão interna”, não para proteger as fronteiras nacionais, menos ainda para enfrentar as potências imperialistas.

Os oficiais latino-americanos eram treinados (militar e ideologicamente) pelos EUA, na *School of Americas*, sediada no Panamá desde 1961/ Essa “escola” teve o centro das suas atividades no treino “anti-insurrecional” (ou “contrainsurgente”) dos oficiais latino-americanos. A economia de esforços que este investimento militar significava para os EUA está ilustrada pelas cifras de 1967: o custo médio de um soldado norte-americano era de 5.400 dólares anuais, o de um das forças armadas “complementares”, 540/ O Programa de Assistência Militar (PAM) foi o pilar de sustentação das Forças Armadas numa série de países (Bolívia, República Dominicana, Equador, Honduras, Guatemala, Panamá, Paraguai, a Nicarágua dos Somoza) onde os exércitos se transformaram numa espécie de apêndice das Forças Armadas norteamericanas.

A base para a recolonização econômica e política da América Latina no pós-guerra foram as ditaduras militares, baseadas no poder independente do militarismo, que deitava suas raízes nas etapas históricas precedentes. O aumento dos gastos militares latino-americanos dava um índice do crescimento da potência própria da instituição armada. Eles evoluíram (em milhões de dólares de 1960), na Argentina, de 138,6 milhões anuais (em 1938-1941) para mais de 287 milhões (em 1960-1965); de 23,8 milhões para 176,5 milhões, em igual período, na Venezuela; de 15 milhões para mais de 78 milhões na Colômbia; de 60 milhões para mais de 97 milhões no Chile; cifras correspondentes a países que conheceram períodos democráticos bastante prolongados. Cada novo golpe militar tinha por resultado duradouro (para além da duração do próprio governo militar) uma intervenção cada vez mais profunda do Exército na vida social e política da nação.

As ditaduras militares surgidas nesse período na América do Sul se diferenciaram das precedentes ditaduras caudilhistas, uma tradição no continente, pois não consistiam na elevação de um líder militar à condição de “salvador da pátria”, em condições de anomia social (escasso desenvolvimento e configuração das classes sociais, de seus interesses organizados, de tradições políticas e de autogoverno). Eram, ao contrário, ditaduras *institucionais* das Forças Armadas, destinadas a combater desenvolvimentos revolucionários da classe operária, dos camponeses e da juventude, ditaduras com apoio e inspiração direta dos governos dos EUA. Com a chamada Operação Condor, e antes dela, as ditaduras se coordenaram para combater o ativismo revolucionário para além de suas próprias fronteiras.

A ditadura argentina, que operou diretamente na Bolívia e na América Central, distinguiu-se pelo seu zelo particular nesse sentido. Mas, o imperialismo dos EUA era o primeiro a ser consciente da fragilidade das vitórias contrarrevolucionárias. Toda a burguesia ianque encampou a política de “direitos humanos” do governo de Jimmy Carter (eleito em 1976), que pressionava em favor de uma institucionalização dos regimes militares latino-americanos. Nos finais da década de 1970, a recomposição do movimento das massas latino-americanas não fez mais do que confirmar esses temores.

O aprofundamento da crise econômica mundial, de um lado, e a resistência das massas trabalhadoras da América Latina, do outro, levaram ao impasse e à crise final dos regimes militares, abrindo a etapa das “transições democráticas”. Em 1979, a queda da ditadura de Somoza e as greves no ABC paulista mudaram o signo da etapa política na América Latina, e abriram uma nova fase da luta de classes no continente. A derrota de uma das mais velhas ditaduras da região, a de Anastácio Somoza, bastião do imperialismo ianque na América Central, diante de uma revolução popular; a recomposição social e política do proletariado mais numeroso e concentrado da América Latina, quebrando a fragmentação social em que se baseava a ditadura militar brasileira, colocaram um limite definitivo ao processo de derrotas do movimento operário e camponês dos anos 1970 (1971 Bolívia, golpe de Banzer; 1973 Chile, golpe de Pinochet; no mesmo ano, no Uruguai, golpe de Bordaberry; em 1975, em Peru, golpe de Morales Bermúdez; em 1976, na Argentina, golpe de Videla e da Junta Militar). A relativamente curta duração do processo de franca reação política demonstrou a precariedade das vitórias obtidas pelo imperialismo e a burguesia nativa durante a década de 1970, que não conseguiram fragmentar e esmagar as massas de modo semelhante ao obtido pelo nazismo e o fascismo na década de 1930, na Europa.

A crise econômica mundial e a resistência das massas levaram a crise não só dos regimes militares reacionários, mas de todo o sistema de dominação imperialista. A guerra das Malvinas foi a expressão espetacular da podridão do aparelho político-militar dos EUA na América Latina, e abalou, em poucas semanas, as bases de um sistema de hegemonia continental montado ao longo de mais de três décadas (Tratado de Rio de Janeiro, OEA, TIAR, força interamericana de intervenção, etc.). A ditadura mais pró-imperialista do Cone Sul (a dos ditadores argentinos, incluído o de plantão, Leopoldo Fortunato Galtieri), os treinadores da “contra” nicaraguense, dos “esquadrões” salvadorenhos e dos narco-terroristas bolivianos, foram paradoxalmente a ponta de lança da desmontagem de um sistema que ruiu na sua própria entranha.

A ocupação das Malvinas pela ditadura argentina, para desviar a atenção da sua crise interna, que atingira seu pico em 30 de março de 1982, dois dias antes da invasão, colocou as nações latino-americanas em rota de colisão objetiva com a OTAN, traduzindo a inadequação das “relações interamericanas” diante das novas relações

políticas entre as classes. A ocupação das Malvinas de 1982 teve, porém, o propósito de potenciar a ditadura e a burguesia argentina na estratégia global do imperialismo na região, objetivo que fracassou e abriu um novo cenário de guerra nacional contra um bloco de nações imperialistas.

A crise e a guerra, de 74 dias de duração, só podem ser compreendidas no seu contexto histórico, político e internacional. Para Jorge Altamira. *“Su condición [das Malvinas] de problema nacional deriva de la condición semicolonial de Argentina. Mientras duró el idilio de esta condición con Inglaterra, Malvinas se refugió en los manuales escolares. La reflató la quiebra de esta relación y la crisis a repetición del capitalismo mundial y nacional. Con la pesca, el gas y el petróleo, y con la nueva guerra financiera y comercial mundial, en especial con China, el archipiélago cobró una actualidad mayor. Es una región apetecible para potencias que necesitan alimentar una maquinaria bélica creciente para afrontar nuevas guerras”*.

Nos primeiros manuais escolares de “história argentina”, na verdade, a questão das Malvinas sequer ocupava uma nota de rodapé. O período em que aconteceu a ocupação inglesa estava dominado pelos conflitos internos, e pelos conflitos com Brasil a respeito da Banda Oriental (Uruguai). Argentina, certamente, sempre reivindicou oficialmente as Malvinas como parte de seu território nacional; em 1965, a sua diplomacia (governo de Arturo Umberto Illia) conseguiu que a ONU aprovasse a resolução 2065, qualificando a disputa como um problema colonial, e convocando as partes para negociar uma solução. Porém, as relações entre a Argentina, o Reino Unido e os habitantes das ilhas até os finais da década de 1960 e o início da década de 1970 foram fluidas: semanalmente operava uma ponte aérea entre a Argentina e Puerto Argentino/Port Stanley, da qual os insulares dependiam para provisão e assistência médica; a pista de aterrissagem original de Puerto Argentino/Port Stanley (feita em alumínio) foi construída pela Força Aérea Argentina.



Bandeira colonial britânica das Ilhas Malvinas, desenhada em 1948

Em 2012, a chancelaria argentina emitiu um comunicado assinalando que “reafirma mais uma vez os imprescritíveis direitos de soberania da Argentina sobre as

Ilhas Malvinas, Georgias do Sul e Sandwich do Sul, e os espaços marítimos circundantes, que são parte integrante de seu território nacional”. A declaração foi divulgada no momento em que se completaram 179 anos desde que as Ilhas Malvinas foram ocupadas por forças britânicas (em 3 de janeiro de 1833). O que tem re colocado o conflito pelas Malvinas não é o aniversário da guerra de 1982, mas a possibilidade de se explorar petróleo que possa ser comercializado no mercado mundial; além do que, a posse de territórios adjacentes à Antártica pode outorgar direitos sobre este continente em futuras negociações. O controle do arquipélago encerra, também, uma posição estratégica ao seu ocupante sobre o cruzamento austral e seu tráfego marítimo. Em 2009, Inglaterra começou a explorar petróleo na região. Se a zona converter-se em um polo petrolífero mundial, sob a soberania de uma potência estrangeira, isto criaria uma situação de instabilidade política crônica na Argentina e em toda a região.

O Reino Unido possui ainda em águas do Atlântico Sul três outras colônias, as ilhas de Ascensão, Santa Helena e Tristão e Cunha, pequenas localidades que servem de apoio para operações militares. A ilha de Ascensão é utilizada como ponto de apoio para o deslocamento de tropas estadunidenses que partem da base militar de Palanquero, na Colômbia, com destino ao continente africano. Além desta função de suporte logístico para seus aliados, estes enclaves estão nas proximidades das águas territoriais do Brasil, onde se localizam importantes reservas petrolíferas (pré-sal).

2. AS ORIGENS DO CONFLITO

As Ilhas Malvinas são, atualmente, territórios britânicos no Atlântico Sul, constituídos por duas ilhas principais e um número elevado de ilhas menores, situadas ao largo da costa da América do Sul, mais ou menos à latitude de Río Gallegos (capital da província argentina de Santa Cruz). É um arquipélago formado por duas ilhas principais e aproximadamente outras 700 ilhas menores, com todas somando uma área total de 12.173 km². Compreende em suas dependências os arquipélagos das Ilhas Georgias do Sul e Sandwich do Sul, e as Ilhas Shetland do Sul. Só um destes arquipélagos, as ilhas Malvinas, tem uma (reduzida) população civil nativa permanente. As ilhas são consideradas, pela Inglaterra, propriedade soberana do trono britânico e de “sua majestade a Rainha Elizabeth”. O litoral argentino fica só a 480 quilômetros das ilhas.

As duas ilhas principais são: Soledad, a leste e Gran Malvina, a oeste, separadas pelo canal de San Carlos. O litoral é acidentado e o relevo montanhoso. Em Soledad, a ilha mais povoada, está localizada a capital, Port Stanley, onde vive mais da metade da população, que atualmente mal supera três mil pessoas (depois do incremento da presença militar decidido pela Inglaterra em 1982, antes do qual a população mal ultrapassava mil pessoas). A vegetação nativa nessas ilhas foi substituída para servir de

pasto ao gado e a criação de ovelhas (um dos ícones da bandeira colonial britânica), mais de 600 mil animais, e, devido à ausência de uma vigilância sanitária, o praias das ilhas encontra-se tomado por roedores.

A extração de petróleo e gás natural é importante, os *kelpers* (habitantes britânicos das ilhas, nome derivado da alga regional gigante *kelp*) possuem a renda per capita mais elevada da América Latina: US\$ 25 mil/ano. Os *kelpers* não eram considerados cidadãos britânicos até o Ato de Nacionalidade de 1983, consequência da guerra. Existem 348 km de estradas nas Ilhas Malvinas, das que 83 km são pavimentados. Existem dois portos: o mencionado Port Stanley, e Fox Bay.

Navios franceses, no século XVII, desembarcaram nas Ilhas Malvinas (*Malouines*, em homenagem ao porto francês de Saint-Malô, de onde tinham partido, daí seu nome espanhol/argentino)¹. Há quem sustente (o historiador uruguaio Laguarda Trías, por exemplo) que navios espanhóis já haviam avistado as ilhas em 1520 (Esteban Gómez, capitão de um dos navios da frota de Fernão de Magalhães, viu de longe umas ilhas que poderiam ter sido as Malvinas). “Descobertas” de fato em 1540 por uma expedição comandada pelo frei Francisco de Ribera, financiada pelo bispo de Valencia, Gutiérrez de Vargas y Carvajal, Espanha tomou posse das Malvinas a 4 de fevereiro desse ano. A argumentação em favor da prioridade espanhola na descoberta e ocupação iniciais sempre visou sustentar jurídica e diplomaticamente a soberania espanhola das ilhas, herdada pela Argentina, ex Vice-reinado espanhol do Prata. Desde sua ocupação francesa as ilhas foram motivo de conflito entre Inglaterra, França e Espanha, e depois entre Inglaterra e Argentina. A tentativa de ocupação/colonização francesa foi feita com base em população acadiana (segundo alguns, existiriam descendentes dessa população francesa nos atuais habitantes das ilhas). Entre 1690 e 1833, os conflitos se sucederam, até culminarem com a ocupação britânica de 1833.

Em janeiro de 1764, o francês Louis Antoine de Bougainville ocupou as ilhas com duas fragatas. A 17 de março, os franceses fundaram uma colônia na atual ilha Soledad. A 5 de abril tomaram formalmente posse do território em nome de Louis XV, rei da França, fundando a base naval francesa de Port Saint Louis (na Malvina Oriental). No ano seguinte, Bougainville retornou às ilhas com 80 colonos e gado de pastagem. Lord George Anson (um pirata), voltando de uma viagem de pilhagens marítimas, propôs em 1744 à Coroa Inglesa invadir as Malvinas, pela importância de sua localização (para sua específica e oficial atividade de corsário). Assim, ignorando a presença francesa na ilha, em 1765, John Byron (britânico) estabeleceu uma base militar em Egmont (Malvina Ocidental). Em 1766, por sua vez, França vendeu sua base à Espanha.

¹ O nome Falklands foi dado por John Strong em 1690, em homenagem ao Visconde de Falkland, nobre escocês patrocinador da sua expedição, que realizou o primeiro desembarque inglês nas ilhas.



Louis-Antoine de Bougainville (1729–1811)

Bougainville deu detalhes da operação. *“España reivindicó estas islas como una dependencia de América Meridional, y habiendo sido reconocido su derecho por el rey, recibí orden de ir a entregar nuestros establecimientos a los españoles. Habiendo Francia reconocido el derecho de su Majestad Católica sobre las islas Malvinas, el rey de España, por un principio de derecho público reconocido en todo el mundo, no debía ningún reembolso por los gastos. Sin embargo, como adquirieron los navíos, bateles, mercaderías, armas, municiones de guerra y de boca que componían nuestro establecimiento, este monarca, tan justo como generoso, ha querido reembolsarnos de nuestros adelantos, y la suma de 618.108 libras nos ha sido entregada por sus tesoreros, parte en París y el resto en Buenos Aires”*.

No recibo dado pelo francês, lia-se. *“Don Luis de Bougainville coronel de los ejércitos del Rey Cristianísimo. He recibido seiscientos diez y ocho mil ciento y ocho libras trece sueldos y once dineros que importa un estado que he presentado de los gastos que han causado a la Compañía de San Maló las expediciones hechas para fundar sus intrusos establecimientos en las Islas Malvinas de S.M.C (Su Majestad Católica)”*.

Espanha, depois, declarou guerra à presença britânica nas ilhas, mas a disputa se acalmou no ano seguinte, decidindo-se que a parte oriental seria controlada pela Espanha e a parte ocidental pelos britânicos. Em 1767, a maioria, mas não todos (30 acadianos ficaram), dos habitantes franceses das ilhas foram retransportados para a França. A administração colonial espanhola designou autoridades para as ilhas. Depois de algumas tentativas, Espanha recuperou militarmente a totalidade das ilhas em junho de 1770. Uma pequena frota saía de Montevideú, sob comando de Juan Ignacio de

Madariaga, rendeu rapidamente Puerto Egmont depois de alguns tiros de canhão. Pela primeira vez, Espanha ocupava realmente as ilhas. Seu primeiro governador espanhol, Felipe Ruiz Puente, fez construir varios prédios e uma caserna, assim como uma pequena igreja cujo nome, *Nuestra Señora de la Soledad*, batizou a ilha.

Antes da (re)ocupação inglesa das Malvinas, em 1833, que se estende até o presente, houve duas sérias tentativas inglesas de transformar os domínios espanhóis do Prata em colônias inglesas. Depois de reconhecer (pela convenção de Nutka, de 1790, celebrada entre Espanha e Inglaterra) a soberania espanhola sobre as ilhas do Atlântico Sul, o que motivou a saída dos escassos colonos ingleses estabelecidos nas Malvinas, Inglaterra aproveitou a invasão francesa de Espanha, e a conseqüente crise (desabamento, seria melhor dizer) do império colonial espanhol para invadir o Rio da Prata, fazendo flamejar a bandeira inglesa sobre a Praça Maior de Buenos Aires por algumas semanas, em 1806. Essa primeira tentativa, comandada pelo general Beresford, à cabeça de uma das melhores unidades militares britânicas (o regimento 71 da Escócia) fracassou, não pela oposição das autoridades espanholas (que fugiram), nem da aristocracia comercial local (que a apoiou), mas pela resistência da população.

Em 1807, houve nova tentativa, comandada pelo general Whitelocke, que experimentou novo fracasso. A rejeição das “invasões inglesas” é considerada o fato político-militar que evidenciou o anacronismo do domínio colonial espanhol no Rio da Prata e deflagrou a constituição e consciência da nacionalidade argentina. As investidas inglesas na região se repetiram depois do fim das guerras napoleônicas, em 1815. A ocupação inglesa das Malvinas em 1833 deve ser vista como parte das tentativas inglesas de estabelecer domínios coloniais no Atlântico Sul.

Em 1811, durante as lutas pela independência na América do Sul, os espanhóis partiram e abandonaram as ilhas, que ficaram abandonadas durante quase uma década. Em 1820, Argentina enviou soldados para reocupar as ilhas em nome do novo governo independente. Mas a ocupação argentina das ilhas, na prática, só começou em 1827, quando Argentina enviou colonos. A anteriormente francesa Port Saint Louis foi rebatizada como Puerto Soledad, e em 1829 foi nomeado um governador das ilhas (Luis María Vernet) para colonizá-las. Em 1829, a Argentina, país recentemente criado, tornada nação independente apenas treze anos antes, se encontrava ainda mergulhada em guerras civis, com suas fronteiras internas e externas ainda não bem definidas. Nesse ano, a batalha de Ituzaingó entre tropas de Barbacena e Alvear (Argentina) definiu a independência do Uruguai.

Foi durante o primeiro governo de Juan Manuel de Rosas em Buenos Aires que colonos argentinos se estabeleceram nas Ilhas Malvinas. Em 1831, Vernet apreendeu três baleeiros norte-americanos (incluído o navio *Lexington*, dos EUA, disfarçado de

navio mercante francês), o que causou uma operação comandada pelo capitão Silas Duncan que destruiu as instalações argentinas de Puerto Soledad, na qual foram feitos prisioneiros, posteriormente entregues ao governo da Argentina. Naquele momento, a população de Puerto Soledad contava com “124 habitantes: 30 negros, 34 porteños, 28 rioplatenses angloparlantes y 7 alemanes, a los que se le sumaba una guarnición de aproximadamente 25 hombres”.

Logo depois, os EUA entregaram o arquipélago à Inglaterra que, em 1833, anexou como território colonial as Ilhas Malvinas, declarando nunca ter renunciado a elas (o que contrariava, obviamente, os acordos assinados com Espanha). A Argentina, na prática, só teve autoridade sobre as ilhas entre 1820 e 1833, um total de 13 anos. Em 2 de janeiro de 1833, veio a fragata britânica *HMS Clio*, comandada pelo capitão John James Onslow, que informou os argentinos que o Império Britânico iria retomar a posse das ilhas. O capitão José Maria Pinedo, considerando que não havia condições para resistência, embarcou seus homens e voltou para a Argentina. O Reino Unido colonizou as ilhas com um reduzido número de escoceses, galeses e irlandeses (Puerto Soledad transformou-se em Port Stanley), expulsando os colonos argentinos, alguns dos quais resistiram chefiados pelo “gaucho” Antonio Rivero, chamado de “Antook” pelos ingleses². As ilhas passaram a ser denominadas, pelos novos colonizadores, de *Falkland*. A Argentina iniciou, então, uma longa série de protestos diplomáticos, recusando formalmente a nova situação³.

A historiografia argentina atribui, majoritariamente, o caráter de “resistência nacional” às ações de Rivero, nativo da província de Entre Rios, situadas entre agosto de 1833 e janeiro de 1834 (quando as autoridades inglesas retomaram o controle total das ilhas), embora alguns historiadores as qualifiquem de simples atos de bandidagem, desprovidos de qualquer caráter político nacionalista. Nem precisa dizer que essa é também a versão oficial inglesa sobre o episódio. Rivero reivindicava o pagamento em

² “En las islas crecía el descontento entre los criollos, en su mayoría gauchos y charrúas. Además de la natural exaltación patriótica motivada por la invasión británica, se les había prohibido viajar a Buenos Aires, y el capataz Jean Simon, apoyado por el ex mayordomo de Vernet, Matthew Brisbane, y con la excusa de la ocupación británica, intentaba extenderles las ya pesadas tareas campestres, entre otros excesos de autoridad. Además seguían recibiendo por toda paga los vales firmados por el ex gobernador, que no eran ya aceptados por el nuevo responsable de almacenes, el irlandés William Dickson”.

³ “El 17 de junio de 1833 Manuel Moreno, enviado argentino ante el gobierno del Reino Unido, presentó la protesta formal en un largo documento escrito en inglés y en francés. La Protesta, como generalmente se conoce al texto, repetía en su substancia los fundamentos ya enunciados en el decreto de nombramiento de Vernet: dado que la innegable soberanía española sobre las islas había cesado debido a la independencia de sus territorios en América, las Provincias Unidas del Río de la Plata, como nueva nación independiente y reconocida por Gran Bretaña y otros estados, la había sucedido en los derechos sobre la jurisdicción de los mares del sur. Gran Bretaña, por lo tanto, quedaba excluida del asunto, y no tenía derecho a reclamo alguno. La respuesta británica llegó seis meses más tarde. En carta de lord Palmerston, el gobierno británico reiteraba la no extinción de los derechos anglosajones sobre las islas, fundamentados en el restablecimiento del asentamiento de Port Egmont en 1771. Alegaba que el posterior abandono de la base se había debido a cuestiones “de austeridad” y no de renunciamento, como “atestiguaba” la placa de plomo oportunamente fijada por los marinos ingleses al retirarse. El gobierno argentino calificó la respuesta de Palmerston como insatisfactoria, por lo que Moreno volvió a protestar el 29 de diciembre, sin obtener respuesta del Foreign Office”.

prata (e não em papel moeda) de trabalhos já realizados, pelo que alguns historiadores qualificaram sua resistência como “luta de classes”.

Como seja, Rivero e seus *gauchos* foram derrotados pelos ingleses, havendo também controvérsias acerca das circunstâncias da morte de Rivero, em combate na década de 1830, ou pobre e esquecido na Argentina, na década posterior. Segundo Camilo Cienpasos, os ingleses decidiram “asesinar y echar a los habitantes argentinos de las Malvinas, matar a los que resistieron y encarcelar en Londres hasta su muerte al Gaucho Ribero, jefe de la guerrilla que les hizo frente durante meses”⁴. Versões mais críveis dão conta de que Rivero permaneceu alguns anos em prisões inglesas, sendo enviado depois a Rio de Janeiro, de onde ganhou novamente a Argentina. Seu plano nas Malvinas teria sido o de roubar uma embarcação para voltar à Patagônia.

Em 1839 um comerciante britânico chamado G. T. Whittington fundou a *Falkland Islands Commercial Fishery and Agricultural Association*, reclamando do governo de Sua Majestade licença para exploração econômica das ilhas em petição assinada por cem “homens de negócios”. As magras levas de colonos britânicos das ilhas tiveram essa origem. Regularmente, no parlamento inglês, alguns deputados reclamavam que as ilhas só oneravam o orçamento britânico, sem trazer benefícios, pelo que deveriam ser devolvidas à Argentina. O célebre Samuel Johnson redigiu um informe nesse sentido, afirmando literalmente que as ilhas “não valiam nada”. Ainda assim, a 23 de junho de 1843, dez anos depois da invasão, as ilhas foram incorporadas aos domínios do Reino Unido através de documentos firmados pela Rainha Victoria, trasladando a capital de Port Egmont para Port Stanley. As ilhas viveram um pequeno auge econômico na segunda metade do século XIX, quando eram usadas como escala ou ponto de conserto para navios britânicos que se deslocavam do Atlântico para o Pacífico pelo Estreito de Magalhães, chegando a ser um dos maiores “cemitérios de embarcações” do mundo. Essa atividade teve seu ápice durante a “febre do ouro” da Califórnia, a partir de meados do século. Com a construção do Canal de Panamá, essa atividade declinou completamente, voltando as *Falklands* à sua relativa insignificância econômica e estratégica original.

⁴ Segundo outra fonte. “El 26 de agosto de 1833, en Puerto Soledad, tres gauchos, entre ellos Antonio Rivero, y cinco indios, asaltaron las casas de los que habían sido los principales apoyos de Vernet (encargado de las islas hasta la usurpación británica). El motivo es confuso, pero al parecer se habría producido por problemas económicos. Los revoltosos exigían el pago de sus trabajos en plata y no en papeles. El cabecilla del grupo era Antonio Rivero y le seguían los criollos Luna y Brasido, además de los indios Flores, Godoy, Salazar, González y Latorre. Los asesinados fueron: el capitán Brisbane, quien era en ese entonces el representante inglés de las islas y segundo de confianza de Vernet. Juan Simón era francés y dirigía los trabajos de los gauchos. Rivero y su grupo tenían extrema confianza en él, sin embargo fue asesinado. William Dickson era el despensero y había recibido órdenes de los ingleses al igual que Simón. Ventura Wagner era alemán. Ventura Pasos era un simple ocupante de las islas. La población no superaba el número de 26, y escaparon a los islotes cercanos por miedo a ser asesinados. Vivieron atemorizados y casi sin víveres durante cuatro meses hasta que la flota británica Challenger llegó a las islas”. O *Challenger* chegou às Malvinas em janeiro de 1834. Rivero só se entregou aos ingleses em março desse ano, seus companheiros o fizeram de imediato.

Para 1884 já haviam passado 35 anos desde a última protesta argentina formal sobre as Ilhas Malvinas; o tema da soberania das ilhas tinha um papel mais do que secundário no âmbito das cada vez mais estreitas relações bilaterais Argentina - Inglaterra. A 15 de dezembro de 1884 o Instituto Geográfico Militar argentino publicou um mapa da República Argentina que incluía às Ilhas Malvinas como território argentino, o que provocou o protesto da embaixada do Reino Unido em Buenos Aires. Diante da interpelação do cônsul Edmund Monson sobre o mapa, a chancelaria argentina respondeu com evasivas e declarações de amizade...

Em 1885, Washington se negou a indenizar Argentina pelos acontecimentos de Malvinas de 1831-1833. A “Doutrina Monroe” (1823) dos EUA (quando estes ainda eram, segundo Marx, “uma colônia econômica da Inglaterra”, embora politicamente independente) que seria posteriormente (com o seu “corolário Roosevelt”) base ideológica e política do intervencionismo norte-americano na América Latina, atendeu primariamente os interesses ingleses. “! doutrina Monroe constituiu de fato um instrumento que ajudou notavelmente a política inglesa na América (não por acaso, a declaração americana foi adotada graças à pressão do primeiro-ministro inglês), pois serviu para manter longe do continente americano todos os que não estavam subordinados aos interesses ingleses, mas não certamente estes últimos. A doutrina não jogou seu papel contra a Inglaterra quando esta interveio entre 1830 e 1840 na América Central para alargar as fronteiras do Honduras britânico. Igualmente, *quando em 1833 a Inglaterra ocupou as Ilhas Malvinas, nem quando em 1845 o Rio da Prata foi bloqueado pela frota anglo-francesa*. Na primeira metade do século XIX, os EUA estavam essencialmente interessados em sistematizar sua fronteira meridional: o primeiro passo foi dado com a compra da Louisiana à França (em 1803), e com a Flórida comprada à Espanha em 1819. Em 1845 anexou-se o Texas, que em 1836 separou-se do México. Só em 1845 os EUA começaram uma política de franca agressão, tirando do México, através da guerra, o Novo México, o Arizona, a Califórnia, o Nevada e o Colorado. Mas, até meados do século XIX, a Inglaterra se encontrou sem rivais nem oposição” (grifo nosso)⁵.

⁵ Ruggiero Romano. *Le rivoluzioni del centro e sudamerica*, in: *Le Rivoluzioni Borghesi*. Milão, Fratelli Fabbri, 1973. Cf. também: Dexter Perkins. *Historia de la Doctrina Monroe*. Buenos Aires, Eudeba, 1964; e, Wayne S. Smith. *The United States and South América: beyond the Monroe Doctrine*. *Current History* nº 553 (90), Nova York, fevereiro 1991.



Selo das Falkland depois de um século de ocupação inglesa

Finalmente, a 21 de julho de 1908, em pleno auge da corrida imperialista mundial, a Coroa Britânica emitiu uma Carta Patente Real que formalmente anexava as Ilhas Georgias, Orcadas, Shetland, Sandwich, e a Terra de Graham à colônia inglesa das Ilhas Falkland. O controle do sul da África (Rhodesia, África do Sul), junto com isso, garantia ao Reino Unido a hegemonia marítima sobre o Atlântico Sul, ponto potencialmente importante em caso de conflito bélico mundial. Em junho de 1940, com a Segunda Guerra Mundial em andamento, o *Foreign Office* inglês redigiu um documento intitulado *Proposed offer by His Majesty's Government to reunite Falkland Islands with Argentina and acceptance of lease*, no qual aceitava a possibilidade de se chegar a um acordo de domínio compartilhado, sem consequências.

A passagem do continente para a órbita de influência político-militar norte-americana teria que esperar a Segunda Guerra Mundial. Na Conferência Interamericana de Chanceleres de Rio de Janeiro (1942), os EUA impuseram a quase todos os países latino-americanos a participação, beligerante ou não, no conflito bélico (em favor dos Aliados): só a Argentina e o Chile resistiram ao *diktat* ianque, expondo-se a sanções econômicas. Vários países centroamericanos propuseram, na ocasião, que fosse declarada guerra contra os países sulamericanos que não rompessem relações com os países do Eixo. Depois da guerra, a pressão política e militar completou-se com a assinatura (1947) do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), que previa o direito de intervenção militar em qualquer país latino-americano em caso de agressão externa (mencionava-se explicitamente a “agressão externa do comunismo”, o que deixava uma margem de arbítrio bastante grande como para permitir uma intervenção militar da OEA sob qualquer motivo).

A República Dominicana foi vítima em 1965 desse tratado, quando foi invadida pelos *marines* (fuzileiros navais dos EUA) travestidos em soldados da OEA. O general nacionalista Perón, a diferença de seus predecessores militares de 1942, assinou esse tratado em nome da Argentina. Os tratados, por outro lado, completaram-se com as mais variadas formas de “integração militar”, que colocaram os exércitos latino-americanos sob controle quase direto dos EUA. Uma das mais conhecidas foram as periódicas manobras navais UNITAS, começadas em 1957 com a presença conjunta das frotas dos EUA, da Argentina, do Brasil e do Uruguai. Para Vivian Trias essas manobras consagraram o fim da influência militar britânica na América Latina, e o triunfo completo das pressões militares e políticas norte-americanas para obter a hegemonia militar na região.

Antes disso, o primeiro governo peronista havia tentado pressões militares acompanhadas de pressões diplomáticas para reaver os arquipélagos do Atlântico Sul. A fines de 1947 uma esquadra da Marinha Argentina fez manobras nas águas próximas às Malvinas, com desembarque de pessoal e equipamento em várias ilhas do Atlântico Sul. O Reino Unido deslocou a fragata *HMS Snipe*, apoiada pelo cruzeiro *HMS Nigeria*. Depois de conflitos menores, os navios argentinos se retiraram; o governo inglês manteve na área durante algum tempo os navios mencionados. Em 1952 Argentina anunciou planos para a ocupação efetiva dos territórios que reclamava próprios, deflagrando incidentes menores na Baía Esperanza, na Antártida. A resposta britânica foi a de destacar na zona o cruzeiro *HMS Superb* com autorização para o uso de força. Em 1953, houve um desembarque argentino na Ilha de Decepción, pertencente às Shetland do Sul. Inglaterra enviou novamente o *HMS Snipe* para forçar a retirada argentina. No mesmo ano, houve conflito na ilha de Dundee, mas a Marinha argentina limitou-se a ações de caráter simbólico. A política de pressões e ameaças simbólicas foi abandonada depois da derrubada militar de Perón, em 1955.

Em 1966, pouco depois do golpe militar de junho que derrubou o governo de Arturo U. Illia, levando ao governo o general Juan Carlos Onganía, um grupo nacionalista-peronista de direita, chefiado por Dardo Cabo, então com 25 anos, sequestrou um avião DC4, pousou nas Malvinas e declarou a reconquista das ilhas. O grupo foi imediatamente desarmado pelas autoridades britânicas. Dardo Cabo, filho de um dirigente sindical metalúrgico peronista, começou sua militância política no *Movimiento Nacionalista Tacuara*, de extrema direita, e depois criou, em 1961, o *Movimiento Nueva Argentina* (MNA), grupo peronista de direita. O *Operativo Cóndor* foi realizado a 28 de setembro de 1966, quando militantes do MNA, em número de dezoito, sequestraram um avião das Aerolíneas Argentinas e o desviaram em direção das Ilhas Malvinas, plantando a bandeira argentina ao chegarem. O grupo se encontrava acompanhado por jornalistas do jornal peronista *Crónica*.

conjunto que encontrará su solución con un gobierno de trabajadores y con derrotas decisivas del imperialismo a escala mundial”.

Por esse motivo, “*rechazamos la unidad nacional sobre Malvinas: no solamente no postergamos ninguna reivindicación social para apoyar esa unidad, también denunciamos que la unidad nacional es el taparrabos de una capitulación ante los intereses fundamentales del imperialismo, que en Malvinas es convertir a Argentina en un satélite del capital petrolero y bancario internacional, incluso si tiene que adornarlo con el reconocimiento de una soberanía sin contenido. No solamente los problemas nacionales de Argentina, sino del conjunto de las naciones dependientes y sometidas, únicamente tienen solución bajo un gobierno de trabajadores y la acción común de la clase obrera de todos los países por la emancipación social, en primer lugar de los obreros y campesinos de América Latina, incluido Puerto Rico”.*



O grupo do MNA nas Malvinas, em 1966

3. A DITADURA MILITAR E SUA CRISE

A ditadura militar instaurada em 1976 na Argentina teve sua origem na débacle do terceiro governo peronista, que criou uma situação revolucionária, que o golpe militar veio a debelar. Em 1974, Juan Domingo Perón faleceu em exercício da presidência da Argentina. Sua volta pelo voto popular ao poder (1973), do qual tinha sido derrubado em 1955 por um golpe militar, impôs um desvio ao desenvolvimento revolucionário que tinha tido seu ponto alto com as mobilizações iniciadas em maio de 1969, o “cordobaço”, a insurreição operária e popular da cidade de Córdoba contra a ditadura de Juan Carlos Onganía. A crise de seus sucessores (sua viúva Isabel passou a exercer a presidência) se escancarou em junho de 1975 (quando foram realizados os dissídios coletivos salariais), pois foram deflagradas formidáveis greves contra o governo,

justamente por parte dos setores operários que estiveram à margem das lutas precedentes, tradicionalmente controlados pela burocracia sindical peronista — a fábrica Ford, os metalúrgicos de Santa Fé, da Fiat tratores — em uma nova prova da profundidade do processo iniciado em 1969. Em crise, a burocracia sindical tentou ainda manobras para salvar o governo peronista. Durante a greve geral contra o governo Isabel-Lopez Rega, em junho-julho de 1975, quando a totalidade do operariado já lutava contra o governo, os burocratas convocaram uma greve isolada contra a anulação dos dissídios e... em apoio a Isabel. Na primeira semana de julho, apesar de 90% da indústria encontrar-se em greve, e a ação da burocracia sindical ser nenhuma, decretaram uma greve de 48 horas (a 7 e 8 de julho).

Na etapa revolucionária aberta com a greve geral de junho-julho de 1975, o operariado foi quebrando uma a uma todas as acomodações do governo, aprofundando a sua crise e somando novos setores à luta/ Destituído Lopez Rega (o “bruxo”, Ministro de Bem-Estar Social), o governo Isabel selou uma trégua social com a burocracia sindical. Horas depois, mais setores de trabalhadores entraram em greve/ ! burocracia sindical já não garantia a “paz social”, o peronismo no governo já não mais servia para conter a radicalização e as lutas dos trabalhadores. Corpos de delegados e comissões internas formaram “coordenações zonais interfabris” para organizar a luta. em certos casos (Córdoba, com a Mesa de Grêmios em Luta), elas dirigiam o operariado de toda a região. Em novembro, o ministro do Trabalho (o sindicalista securitário Carlos Ruckauf) tentou um golpe contra os setores mais combativos, decretando a absorção do convênio salarial mecânico (mais vantajoso) pelo metalúrgico. Todos os mecânicos do país entraram em greve, 10 mil desfilaram em Buenos Aires. A partir de dezembro de 1975, quando houve uma primeira tentativa de golpe militar pela Força Aérea, a burocracia apelou ao último recurso para desorganizar o operariado: os sindicatos foram literalmente esvaziados.

Em março de 1976, a luta contra o novo plano econômico (Plano Mondelli, nome do novo ministro da Fazenda) foi organizada pelas diversas coordenações zonais. Elas se pronunciavam pelas reivindicações salariais e pelo controle operário (a inflação atingia 1000% anual, o golpismo burguês - empresarial esvaziava as prateleiras e criava um enorme mercado negro) e também pela queda do governo e, em certos casos, por um governo operário. O Partido Comunista propunha uma convergência cívico-militar (ou seja, golpe militar com apoio civil). As coordenações interfabris careciam de estrutura organizativa nacional; assim, não conseguiram evitar o golpe militar de 24 de março de 1976, que levou o general Jorge Rafael Videla ao poder. Ninguém se mobilizou em defesa do governo peronista, que caiu em meio à maior indiferença popular. O operariado, porque já não o considerava seu governo. A burocracia sindical, porque já não era capaz de defender nada (Lorenzo Miguel, o “homem forte” do sindicalismo

peronista, na sua apressada fuga dos acontecimentos, esqueceu até o casaco numa sala do Congresso Nacional). O movimento operário não conseguiu varrer Isabel antes dos militares, por ausência de unidade política, e pela deserção da burocracia sindical peronista. Iniciavam-se os anos de chumbo (1976-1983) da ditadura militar.

A Junta Militar de Jorge Rafael Videla, Héctor Orlando Agosti e Emilio Eduardo Massera, batizou seu regime de “Processo de Reorganização Nacional”. A “reorganização” consistiu, em primeiro lugar, na eliminação de uma parte da população do país. Além de milhares de pessoas “legalmente” assassinadas, os “desaparecidos” somaram 30 mil. Milhares de argentinos optaram pelo exílio, fugindo das diversas formas de repressão e até da miséria. O Centro de Estudos Legais e Sociais calculou, em 1983, em 2,5 milhões o número de argentinos vivendo no exterior (quase 10% da população de 1976). A contrarrevolução militar-imperialista (pois o golpe foi preparado, apadrinhado e publicamente apoiado pelos EUA) resolveu temporariamente a crise econômica e política deflagrando uma repressão feroz.

O “processo” militar justificou-se na eliminação da “corrupção” (peronista) e da “subversão” (armada). O conceito desta última foi ampliado até atingir toda atividade: expor opiniões, reivindicar, escrever, falar, ler, pensar. Semelhante noção não poderia se apoiar em nenhum “direito”. inventou-se então uma “guerra (nacional) anti-subversiva”.

A consequência desta mistificação (não havia guerra civil na Argentina, a guerrilha de esquerda era localizada, e já estava derrotada) foi a forma ilegal que tomou a repressão. as “desaparições forçadas de pessoas”/ Numa guerra real, a questão dos direitos dos prisioneiros teria sido posta, ao menos. ls “desaparições”, parte de um plano de extermínio físico, atingiram guerrilheiros, políticos, estudantes, escritores, dirigentes sindicais, e até membros do próprio governo militar, como o embaixador na Venezuela (o político do partido radical Hidalgo Solá) ou empresários como Fernando Branca, assassinado pelo seu sócio Massera (membro da Junta Militar), pois o “método” engoliu seus executantes, que passaram a usá-lo entre eles.

Mas a tortura e a morte tinham alvo certo: os primeiros levantamentos da Anistia Internacional comprovaram que a porcentagem maior de vítimas achava-se no movimento operário, em especial seus setores de vanguarda (delegados de base, ativistas classistas). Esse foi o modo de eliminar a “guerrilha fabril” denunciada pouco antes do golpe militar pelo “democrata” Ricardo Balbín (líder da União Cívica Radical, UCR). Era um movimento de extrema reação política da burguesia, por militares interpostos, contra a perspectiva da revolução social. O terrorismo antioperário peronista (a célebre AAA, ou Tríplice A, Aliança Anticomunista Argentina) foi integrado, incrementado, no terrorismo militar, estabelecendose uma continuidade essencial entre os dois regimes/ Os militares chamaram de “guerra suja” os seus procedimentos, reconhecendo a natureza

do seu comportamento. O termo “terrorismo de Estado”, adotado depois, ocultou o essencial: um massacre metodicamente planejado e executado pelas Forças Armadas (tal como o reconheceu a “Comissão Sábado”, criada pelo governo Alfonsín em 1984).

Seu cúmplice na tarefa foi a Igreja Católica. No ministério da educação, com Ricardo Bruera, ela promoveu o pior processo obscurantista já conhecido (a teoria dos conjuntos, por exemplo, foi banida do ensino escolar da matemática, por partir de um “princípio comunista”). Monsenhor Plaza (arcebispo de La Plata) distribuía crucifixos nos campos de extermínio (onde os detidos sofriam as piores torturas antes de serem mortos), enquanto Monsenhor Bonamin (capelão do Exército) benzia os “grupos de tarefa” encarregados de sequestrar, torturar e matar; não faltando os que, como o padre Von Wernich, montaram um lucrativo comércio de venda de informações (falsas) aos desesperados parentes dos desaparecidos. É claro que houve exceções (também as houve nas Forças Armadas), mas a instituição foi parte ativa do genocídio, como foi denunciado pelas Mães da Praça de Maio. Não raro as exceções, como o bispo de La Rioja, Monsenhor Angelelli, foram vítimas dos assassinos benzidos pelos seus superiores. A “corrupção” foi eliminada hegelianamente, pois foi conservada e elevada a níveis estratosféricos. Negociatas, mas também roubo e venda dos bens das pessoas desaparecidas, sem falar no orçamento astronômico militar, responsável por mais de um quarto da dívida externa, que atingiu 45 bilhões de dólares. O Estado capitalista assumiu sua forma extrema, mas essencial, de máfia armada.

Toda a burguesia argentina e seus partidos apoiaram o “processo” militar, só criticando — tardiamente — seus “excessos” (que foram a regra, não a exceção). A recompensa: suas atividades partidárias só foram suspensas (os partidos operários e de esquerda foram dissolvidos); muitos dirigentes políticos receberam cargos oficiais (prefeituras, embaixadas). O golpe mais repressivo da história argentina criava também as bases para um grande acordo nacional posterior. Fato essencial, o processo também integrou a burocracia sindical. A ditadura se propôs reduzir qualitativamente o peso dos sindicatos: o Estado lhes tirou as “obras sociais” e pôs sob intervenção um sindicato após outro; os setores conflitantes (eletricidade, ferrovias) foram militarizados; vários dirigentes sindicais peronistas foram assassinados (Oscar Smith, eletricitário, por exemplo) ou presos (o próprio Lorenzo Miguel, por vários anos). Apesar disso, os burocratas entraram nas comissões assessoras dos interventores militares dos sindicatos e praticaram outras formas de colaboracionismo: foi uma forma extrema de integração ao Estado.

A unidade burguesa em torno do golpe explica-se por ser este o último recurso contra o desenvolvimento revolucionário do operariado. Os militares foram muito além, tentando reestruturar a vida política, através de diversos planos (desde um “movimento único” até uma “democracia gradual” de base corporativa, passando pela manipulação dos cargos internos dos partidos). O PC (único partido de esquerda que foi só suspenso)

foi o mais consequente naquela linha, chegando a defender o “democrata” general Jorge Rafael Videla contra um suposto “Plano Fênix” da CI para derrubá-lo (isto, em meados de 1976). E, no entanto, dezenas de militantes do PC foram mortos pelo governo... O adido militar da URSS na Argentina chegou a saudar, em discurso oficial, a “guerra suja” dos militares argentinos, comparando-a com a guerra contra o nazismo.

A burguesia se dividiu, no entanto, em torno do plano econômico. O programa do ministro da Economia, Martinez de Hoz, propunha: a) impor um retrocesso histórico das condições sociais das massas; b) a liquidação de uma parte do ativo industrial obsoleto e dos capitais que não podiam sustentar a concorrência internacional; a reativação por meio do reequipamento dos setores capazes de inserir-se mais profundamente nas correntes do comércio mundial; c) a criação de um fundo de acumulação mediante um endividamento geral, com concessões descomunais ao capital financeiro internacional; d) a liquidação da participação do Estado na indústria privada, determinada no passado para salvar as empresas em crise; a desnacionalização da indústria estatizada (700 empresas), para promover um maciço ingresso de capitais capaz de sustentar um novo ciclo de reativação; e) a reestruturação da burguesia nacional, promovendo a formação de trustes diversificados na exploração do petróleo, na celulose, na exportação de manufaturas agrárias e matérias primas, na petroquímica, no aço e nos bancos.

O plano visava dar uma resposta estrutural ao estancamento crônico da economia argentina. Em 1976, o PIB caiu 6%; os rendimentos dos não assalariados subiu 20%, o dos assalariados caiu 30%. Em junho de 1977 uma reforma financeira libertou o mercado de capitais do controle do Banco Central. Outras medidas (restrição monetária, tabela fixa de câmbio, eliminação de tarifas aduaneiras) levaram à pequena indústria à falência. O Estado interveio no processo de concentração, através da “promoção industrial”. Um terço das 100 maiores empresas desapareceram do mercado (via fusão, venda ou falência). Os beneficiados pelo processo de concentração foram setores do grande capital nacional (Pérez Companç, Sasetru, Capozzolo) não raro de origem latifundiária, setor que também se beneficiou de uma grande transferência de renda. Tudo baseado numa brutal queda das condições de vida dos assalariados (o salário real caiu 40% em um ano). Mas a concentração foi paralela a uma queda da produção industrial (17% no período 1975-81). Várias fábricas do estagnado ramo dos automóveis fecharam (Citroën, General Motors, Peugeot, Chrysler) redimensionando o mercado das que restaram. Em toda a indústria, 400 mil operários ficaram desempregados. O negócio bancário cresceu espetacularmente, a atividade financeira explodiu: cada empresa importante criou sua própria companhia financeira.

Muitos dólares chegaram ao país (as taxas de juros exorbitantes transformaram Buenos Aires na melhor praça financeira do mundo), mas era “capital fictício”,

especulativo, à procura de lucros de curto prazo. As multinacionais não investiram na indústria, devido à recessão e aos juros incompatíveis com qualquer reativação econômica. As grandes empresas tomavam empréstimos no estrangeiro a taxas menores (a dívida externa foi às nuvens) sem expandir a inversão, mas especulando na “ciranda financeira”, e girando os lucros para fora do país. Os custos financeiros das empresas que tomavam dinheiro no mercado argentino atingiam 80% das vendas totais, pois pagavam 60% de juros reais. Até o golpe militar, a tendência para a baixa das taxas de juros refletia a crise e a falência da indústria a partir de 1975. Não existia demanda de investimentos, e a contrapartida era o aumento de capitais ociosos. Daí originouse a tendência para a fuga de capitais ao estrangeiro, expressão da queda dos lucros produtivos e da queda da indústria. A política financeira de Martínez de Hoz estruturou-se como alternativa à fuga de capitais, criando uma elevada remuneração para o capital ocioso, inclusive para o capital internacional. O governo organizou o resgate e a salvação do capital em crise às custas dos explorados e das finanças públicas.

O novo plano econômico confiava em que o livre jogo do mercado levaria à racionalidade do capital a “normalizar” a economia, desenvolvendo os setores competitivos no mercado mundial. Mas a lógica do capital não é a racionalidade econômica, mas a procura de lucro (de qualquer origem). O “plano” era uma mistificação: havia uma guerra de monopólios, com soluções empíricas e temporárias, que tornavam ainda mais agudas as contradições capitalistas e a anarquia da produção, no contexto da crise mundial iniciada em meados da década de 1970. No início dos anos 1980, o “modelo econômico” da Junta Militar se esgotou, com 90% de inflação anual, recessão profunda, interrupção de boa parte das atividades econômicas, banalização do IVA (imposto ao valor agregado), empobrecimento da classe média, grande aumento do endividamento externo das empresas e do Estado, salário real cada vez mais baixo. A substituição do chefe da Junta Militar, Jorge Rafael Videla, pelo general Roberto Viola, e posteriormente pelo general Leopoldo Fortunato Galtieri, foram o indicativo da crise econômica, social e política. O fôlego político ilusório da vitória argentina na Copa do Mundo de futebol de 1978 não atingiu sequer as eliminatórias para a Copa seguinte.

A cerimônia de posse de Viola se realizou em 29 de março de 1981. Deveria governar até o mesmo dia de 1984. Porém, seu mandato duraria muito menos: em 11 de dezembro foi removido pelo alto comando da Junta Militar e substituído pelo titular do Exército, Leopoldo Fortunato Galtieri, para completar o que restava do mandato conferido a partir do dia 22 desse mesmo mês. Em março de 1981, a crise econômica era geral, com a falência de um dos maiores bancos argentinos (o BIR), propriedade de uma das empresas favorecidas pelo Estado. A intervenção deste para salvá-lo relançou o processo inflacionário: a especulação tornou-se desenfreada. O grupo Sasetru, crescido sob a ditadura, foi à falência. Ao fracasso em atrair investimentos estrangeiros, Martínez

de Hoz somava agora a quebra das empresas privilegiadas pela sua política. Os setores burgueses em crise reagruparam-se na central empresarial *Conae*, para derrubar o ministro, que já não passava de um mero agente dos grupos financeiros internacionais.

A nova Junta Militar do general Viola (empossada em setembro de 1980) tentou reunificar o grande capital, tirando Martinez de Hoz do gabinete e incorporando seus representantes ao governo. Mas estes careciam de qualquer unidade (sem falar num “plano”). Enquanto as renúncias se sucediam no gabinete, o PIB e a indústria (-10% em 1982) continuavam em queda livre. O único “avanço” foi a liquidação das dívidas dos grupos em falência através da inflação e do endividamento público, beneficiando grupos cujos investimentos tinham sido em 90% financiados ou avalizados pelo Estado. O “liberalismo” militar consistiu na passagem para o Estado das dívidas privadas, destruindo o crédito e a moeda. Em 1981, depois de cinco anos de ditadura sangrenta, os partidos políticos conformaram uma frente opositora, a “Multipartidária”, com vistas a capitalizar a divisão burguesa. Com o país em falência e os planos políticos em bancarrota, não surpreendeu que Viola fosse derrubado pelo general Leopoldo Galtieri, quando mal tinha completado um ano de mandato. Viola fora afetado por algo mais que um problema de saúde, como se informara vagamente. Segundo Moniz Bandeira, a diplomacia dos EUA interveio diretamente na sua derubada e, ironicamente (pelo que aconteceria depois), na nomeação de Galtieri.

O golpe militar impusera um sério retrocesso e a perda de conquistas históricas do movimento operário: convênios coletivos, obras sociais, central sindical única (a CGT foi posta na ilegalidade). Ao contrário, porém, do que acontecera no Chile de Allende, o operariado já tinha perdido toda confiança no “seu” governo peronista. Sua rápida resposta à política antioperária indica que não tinha sofrido uma derrota histórica, uma desmoralização política que lhe impedisse reagir. Já em março de 1976 os mecânicos de Córdoba pararam repudiando o golpe. Nos meses seguintes, apesar da repressão selvagem, greves de eletricitários e metalúrgicos tentaram pôr um limite à ofensiva militar. As empresas de energia foram militarizadas, mas aumentos salariais “por baixo do pano” violaram o congelamento salarial. Em junho 1977, toda a região operária de San Lorenzo (na província de Santa Fé) parou. Em novembro desse ano, houve greves dos ferroviários e dos operadores do metrô. O setor não foi militarizado, como acontecera em conflitos precedentes: a política de divisão sindical começava a ser derrotada. A tendência para mobilizações nacionais (e não por empresas) não parou. Os ferroviários protagonizariam greves nacionais em 1978, 1979 e 1980. Nesses anos, portuários e metalúrgicos também obtiveram vitórias significativas. Sem essa resistência operária ininterrupta, a crise da ditadura e da burguesia teria, provavelmente, sido resolvida “internamente”.

Somente em abril 1979 um dos setores da direção sindical peronista remanescente decretou uma greve nacional (fracassada por falta de preparação). A burocracia sindical adaptou-se profundamente à ditadura, aceitando intervenções dos sindicatos, elogiando a repressão selvagem contra a esquerda, chegando a defendê-la das críticas internacionais na OIT (Organização Internacional do Trabalho). Com os organismos de base na ilegalidade, a burocracia tentou ser a participante privilegiada da “normalização sindical” da ditadura. Só os setores fora do controle da burocracia peronista (ferroviários, Mercedes Benz) organizaram verdadeiras lutas salariais. A divisão da burocracia (em “participacionistas” e “verticalistas”) foi arbitrada pelos militares, com o intuito de formar uma direção dócil, não vinculada ao peronismo. As obras sociais, antigamente sob controle sindical, passaram ao Estado e ao setor privado/ Em 1979, a nova “lei sindical” (a Lei de Associações Profissionais) proibiu a existência da CGT, de sindicatos nacionais e de delegados de base para estabelecimentos de menos de 100 operários (situação de 40% do operariado). A reestruturação industrial deixou milhares na rua (47 mil só nas ferrovias). Foi uma tentativa de reduzir o movimento operário a quase nada.

Reconstituindo ilegalmente comissões internas (de fábrica) e corpos de delegados, a luta operária impediu um retrocesso histórico. Em 1981, greves longas e duras (carne, ferroviários) acompanharam a crise econômica. A viragem veio em junho de 1981: na greve geral dos mecânicos, cinco mil manifestaram nas ruas na capital. Só um mês depois, já finda a greve, a burocracia convocou uma greve nacional. A iniciativa política tinha mudado de campo. As lutas operárias e a dos familiares de desaparecidos se apoiavam mutuamente. A “classe média” urbana deixava atrás a confusão e o medo (vastos setores dela apoiaram a ditadura) para passar à oposição ativa. A burocracia só se fez de opositora junto com a burguesia: ofereceu seu apoio à nova central patronal (*Conae*) que o rejeitou. Uma tentativa de unificação sindical (na CUTA, Condução Única dos Trabalhadores Argentinos) fracassou por motivos burocráticos: não houve acordo sobre a representação sindical argentina na CIOSL. A pressão operária crescia junto com a fome e o desemprego. Em 7 de novembro de 1981 convocou-se uma “marcha do trabalho”, definida pela CGT como “jornada de oração”. Os 10 mil trabalhadores que foram às ruas não rezaram, mas gritaram pela queda da ditadura.

A crise política aprofundou-se: o governo militar dependia cada vez mais da capacidade de controle dos partidos políticos e da direção sindical. A burocracia suspendeu uma greve nacional, em março de 1982, devido a um chamado do governo militar à “união nacional” por causa do atrito com a Inglaterra nas ilhas Geórgia, situadas no Atlântico Sul. Mas em 30 de março a pressão popular era um caldeirão: a convocação de uma jornada nacional de luta não pôde ser evitada. Com a greve de 30 de março de 1982, a luta contra a ditadura entrou em uma fase decisiva. As

manifestações operárias convergiram na Praça de Maio, exigindo a queda do governo. Nas violentas lutas contra a polícia, receberam a solidariedade até dos funcionários dos ministérios. A classe operária liderava a luta antiditatorial: um novo “cordobaço” se desenhava no horizonte, desta vez no coração industrial e político do país (Buenos Aires). Nesse contexto, a ditadura militar lançou mão de seu último recurso: forçar uma “união nacional” através de uma crise externa, propiciada por uma legítima reivindicação nacional.

4. A OCUPAÇÃO DAS ILHAS

Um recurso antecipadamente preparado pela ditadura foi posto em ação: em 2 de abril de 1982, as Forças Armadas ocuparam as ilhas Malvinas, Geórgia e Sandwich do Sul, territórios argentinos do Atlântico Sul, colonizados pela Inglaterra. A guarnição britânica nas ilhas Malvinas, Georgias do Sul e Sandwich do Sul era reduzida, a distância em relação à metrópole impedia a chegada de reforços a tempo de impedir a ocupação. A capacidade de guerra anfíbia do Reino Unido a meio mundo de distância não parecia estar à altura dessas circunstâncias, apesar do seu grande poderio aeronaval. E, finalmente, não parecia provável à Junta Militar que o Reino Unido realizasse um contra-ataque em grande escala, afetando o território continental argentino por uma pendência sobre umas ilhas “remotas”.



Leopoldo Fortunato Galtieri, assassino profissional e estrategista amador

A “Operação Rosário”, concebida pelo almirante Jorge Isaac Anaya, consistia em uma série de ações de intensidade crescente, destinadas à ocupação das Malvinas,

Georgias do Sul e Sandwich do Sul, que seria executada em sentido inverso (de Leste a Oeste e de menor a maior relevância política), iniciando-se de maneira mais discreta possível, e culminando com a tomada do arquipélago das ilhas Malvinas e de sua capital, Puerto Argentino (Port Stanley), mediante um assalto direto.

No final de 1979, um homem de negócios argentino chamado Constantino Davidoff, dedicado ao comércio de sucatas, havia adquirido de uma companhia escocesa os direitos sobre as três antigas estações baleeiras em Leith (ilhas Georgias do Sul). Estas ilhas, administradas pelo governador das Malvinas, eram unicamente habitadas pelos cientistas da *British Antarctic Survey* (Pesquisa Antártica Britânica), dirigidas por Steve Martin, e estacionadas em Grytviken, a 40 km de Leith. Davidoff obteve permissão da embaixada britânica para fazer um porto em Leith junto com os 41 trabalhadores, supostamente com objetivo de exercer o seu negócio.

Entre os trabalhadores estava um grupo de mergulhadores táticos (tropa de elite da Marinha Argentina). O grupo chegou a Leith em 19 de março de 1982 a bordo do navio de transporte de tropas *Bahía Buen Suceso*, comandado pelo capitão Briatore. Davidoff deveria ter-se apresentado à Martin ao atracar nas ilhas Geórgia do Sul. Não somente deixou de fazê-lo como os trabalhadores por ele trazidos hastearam a bandeira argentina em Leith. Martin enviou um dos cientistas para conversar com os argentinos e informar-lhes que pisavam solo britânico e deviam observar certas normas. A equipe argentina obedeceu, e a bandeira foi retirada. Martin deu ciência dos fatos ao governador das Malvinas, Rex Hunt.

O capitão britânico Nick Barker, do *HMS Endurance*, decidiu então enviar um de seus helicópteros Wasp para fazer um reconhecimento. A partir do navio *Bahía Paraíso* os argentinos enviaram um helicóptero em atitude agressiva, com o próprio capitão Trombetta a bordo. Barker retirou sua aeronave. O governo britânico notificou seus oficiais que se os argentinos tentassem tomar Grytviken, os soldados britânicos deveriam usar coletes de combate amarelos, como os utilizados para operações antiterroristas na Irlanda do Norte...

A 29 de março de 1982, Trombetta levantou âncora e o *Bahía Paraíso* se internou no Atlântico Sul. Em Leith permaneceram os fuzileiros navais. A 30 de março, a inteligência britânica se deu conta da iminência de uma operação militar argentina sobre as Malvinas. O governo inglês ordenou que o destróier *HMS Antrim*, acompanhado por outros dois navios de superfície e de três submarinos nucleares, se dirigissem às Georgias do Sul para apoiar o *HMS Endurance*. O restante das unidades da marinha britânica foi posto em estado de alerta.

No dia 26 de março de 1982, uma importante força naval argentina havia saído de Puerto Belgrano, no sul do país, sob pretexto de realizar manobras com a frota

uruguaia. Na verdade, foram para as Malvinas, embora o mau tempo os tenha atrasado. No dia 30 desse mês, a inteligência britânica notificou o governador Rex Hunt que a ameaça argentina era real e que se esperava a invasão para o dia 2 de abril. Hunt reuniu suas poucas tropas e as enviou para a defesa das ilhas.

Durante a noite de 1º de abril de 1982 e a madrugada da sexta-feira, dia 2, parte da frota marítima argentina operava junto à costa das Ilhas Malvinas. Entretanto, o número de soldados da marinha britânica no momento da invasão era de cerca de uma centena de homens, sendo assim drástica a superioridade dos argentinos na retomada da ilha. Ainda assim a guarda britânica na capital malvinense (Port Stanley) se armou em atitude defensiva. Nessa mesma noite se reunia o Conselho de Segurança das Nações Unidas, a pedido do Reino Unido, que denunciou “a iminente ameaça de invasão argentina às ilhas”. A reação dos representantes argentinos foi imediata. O embaixador argentino nas Nações Unidas denunciou no Conselho a situação de “grave tensão” provocada arbitrariamente por aquele país nas Ilhas Geórgias.

Na manhã do 1º de abril, as forças inglesas apagaram o farol e inutilizaram o pequeno aeroporto local e seus radares. Às 21 horas desse dia, 92 mergulhadores táticos argentinos, sob o comando do capitão de corveta Guillermo Sánchez-Sabarots, deixaram o destróier *Santísima Trinidad* e desembarcaram em Mullet Creek às 23 horas. Nessa mesma hora, o submarino argentino *Santa Fé* emergiu e enviou dez mergulhadores táticos para colocar as boias de radionavegação. Quando o *Santa Fé* emergiu, foi detectado pelo radar de navegação do navio costeiro *Forrest*, dando início às hostilidades. À 1:30 do 2 de abril de 1982, os homens de Sánchez-Sabarots se dividiram em dois grupos. O primeiro, comandado por ele mesmo, se dirigiu aos acampamentos de infantaria da marinha britânica em Moody Brook para atacá-los.

O segundo, sob o comando do capitão de corveta Pedro Giachino, avançou até Puerto Argentino (Stanley) com o objetivo de tomar o palácio do governador e capturá-lo. Porém os britânicos, de sobreaviso, evacuaram os acampamentos, e adotaram posições de combate para defender a localidade. Às 5:45 o grupo de Sánchez-Sabarots abriu fogo com fuzis automáticos e granadas contra os supostos acampamentos dos *royal marines*. Em poucos minutos, descobriram que não havia resposta ao fogo. O barulho alertou o major Norman, responsável das forças britânicas.

O grupo de Giachino se dirigiu diretamente à residência do governador, com intenção de atacá-la pelos fundos. Errando o alvo, entraram pelo anexo da área de serviço, onde três *royal marines* abriram fogo. Giachino caiu gravemente ferido, os seus homens responderam com tiros. Pedro Giachino morreu depois, tornando-se assim a primeira baixa da guerra. Às 6:20 o *Cabo San Antonio* trouxe a “companhia E” com veículos anfíbios LVTP-7 do 2º Batalhão de fuzileiros navais, orientando-se com as

boias que haviam sido colocadas pelos mergulhadores táticos do Santa Fé. Na primeira oportunidade, sob o comando do tenente-comandante Santillans, desembarcaram e tomaram a direção do aeroporto. A “companhia D” desembarcou pouco depois para tomar conta do farol. Quando a “companhia E” chegou às proximidades do antigo aeroporto, sofreu o primeiro ataque dos fuzileiros navais britânicos. Um blindado LVTP foi avariado pelo disparo de um míssil antitanque do lança-foguetes Carl Gustav, porém a tripulação saiu ilesa.

O contra-almirante Busser, responsável pelo desembarque argentino, começou a preocuparse. As tropas blindadas ainda não haviam entrado em contato com os comandos, e a resistência britânica era mais intensa do que o esperado. Ordenou que o 1º Batalhão e uma companhia de lança-foguetes de 105 mm fossem transportados por helicópteros à costa. Às 8:30 o governador inglês Hunt e o major Norman debatiam o que fazer. Cogitaram até dispersar-se pelo interior das ilhas para fazer uma guerra de guerrilhas, porém finalmente decidiram que com forças tão pequenas isso não tinha sentido. Héctor Gilobert, um argentino residente nas ilhas, foi encarregado de negociar o cessar-fogo. Às 9:30 o governador Hunt se rendeu ao contra-almirante Busser. Um avião de transporte militar argentino levou Hunt a Montevideú, de onde voltou a Londres.

Nas ilhas Georgias do Sul, os britânicos não aceitaram a rendição. Na manhã do dia 3, as forças argentinas tentaram tomar Grytviken; os 22 fuzileiros navais britânicos reagiram. Derrubaram um helicóptero Puma, e também danificaram a corveta *Guerrico* com fogo de infantaria e de um lança-foguetes, quando as tropas argentinas tentaram aproximar-se do povoado. O cabo Guanca e os soldados Mario Almonacid e Jorge Águila morreram; outros soldados argentinos ficaram feridos. Finalmente, a corveta *Guerrico*, com seu canhão principal de 105 mm. inutilizado, disparou uma salva com um canhão de 40 mm. contra as posições britânicas. Diante disso, com um fuzileiro ferido num braço e com os soldados argentinos aproximandose, os *royal marines* se renderam. Passado o meio-dia do dia 3 de abril de 1982, a bandeira argentina tremulava sobre as ilhas Malvinas, as ilhas Georgias do Sul e as ilhas Sandwich do Sul.

Grandes manifestações populares explodiram em toda a Argentina. Fotos dos soldados britânicos capturados deram voltas ao mundo. Os prisioneiros britânicos voltaram para casa via Montevideú. O plano da Junta Militar parecia ter dado certo. Os militares argentinos, depois da forte resistência britânica, estavam orgulhosos pela vitória obtida com apenas uma centena de homens. No dia seguinte da ocupação era designado governador das Malvinas o general Mario Benjamín Menéndez, passando a ser o segundo governador argentino da história do arquipélago. As Forças Armadas Argentinas respeitaram a população das Malvinas, realizaram logo mudanças de topônimos por suas versões argentinas, adotaram o castelhano como língua oficial e,

entre outras mudanças, modificaram o padrão de circulação de veículos para conduzi-los pela mão-direita em vez da esquerda.

Na Inglaterra, a 2 de abril, o *The Times*, ao final da primeira página e no início da segunda, se perguntava como tinha ocorrido tal episódio, já que os serviços secretos britânicos vinham captando as mensagens de telex da Embaixada Argentina nos últimos seis meses. O público do Reino Unido ficou perplexo perante as imagens de alguns «soldados terceiro-mundistas» mostrando seus compatriotas rendidos no solo. Na Argentina, pessoas e famílias atingidas pela miséria social faziam planos otimistas de instalar-se como pioneiros argentinos nas ilhas recuperadas. Uma nova era se iniciava para o país?



“Gente” noticia a rendição inglesa

5. A REAÇÃO IMPERIALISTA E A GUERRA

*Galtieri took the Union Jack And Maggie over lunch one day
Took a cruiser with all hands Apparently to make him give it back*
(Roger Waters - Pink Floyd, *The Final Cut*).

O governo britânico, de Margaret Thatcher, eleito em 1979, estava debilitado na sua frente interna. Francis Pym, ministro de Relações Exteriores, não via com bons olhos um conflito com a Argentina pela posse das ilhas do Atlântico Sul. Segundo Hugo Young,

autor de uma biografia de Margareth Thatcher, “a guerra para recuperar as Falklands foi o erro mais desastroso de um governo britânico desde 1945. Desencadeada pela agressão argentina, foi provocada pela negligência britânica”. Segundo esse autor, desde 1966 todos os governos do Reino Unido reconheciam a anomalia da situação das ilhas. O vice ministro do *Foreign Office*, Nicholas Ridley, thatcheriano convicto, elaborara em 1979 numa “solução bipartidária”, propondo a transferência da soberania das ilhas à Argentina, com um comodato de longo prazo em favor da Grã-Bretanha, que continuaria, de fato, mandando e explorando econômica – estrategicamente o arquipélago.

Isto daria satisfação formal à Argentina, mantendo na prática o *statu quo ante*. Ridley viajara duas vezes às ilhas para convencer seus habitantes (não reconhecidos como britânicos) de seu plano. Este foi estraçalhado, no entanto, em interpelação parlamentar requerida pela direita *tory* (conservadora). Mas, como parte do plano mais geral de redução das despesas estatais de Thatcher (ainda não batizado com o neologismo de “neoliberal”) Inglaterra anunciou em junho de 1981 a retirada do *HMS Endurance* do Atlântico Sul. A velha (e pérfida) Albion, segundo Young, enviava os sinais errados à Argentina. Que os interpretou (a ditadura) de modo explícito imediatista (sem ler as entrelinhas, nem considerar o contexto).

A 3 de abril, no dia seguinte à ocupação argentina, o Reino Unido conseguiu que a ONU aprovasse a resolução 502, exigindo à Argentina a retirada de suas tropas dos arquipélagos ocupados como condição prévia para qualquer processo de negociação. O Conselho de Segurança das Nações Unidas declarou a Resolução 502 “exigindo a retirada das forças argentinas das Ilhas do Atlântico Sul”. Votaram os 16 membros do Conselho. O único país que votou contra o projeto britânico foi o Panamá. Abstiveram-se China, Espanha, Polônia e a União Soviética.

O Reino Unido também rompeu todas as relações comerciais com a Argentina. Peru passou a representar os interesses diplomáticos da Argentina no Reino Unido e Suíça a representar os interesses diplomáticos da Grã-Bretanha na Argentina. Assim, os diplomatas argentinos residentes em Londres, se converteram em diplomatas peruanos de nacionalidade argentina, e os britânicos em Buenos Aires, em diplomatas suíços de nacionalidade britânica. No dia 9 de Abril, a Grã-Bretanha obteve o pleno apoio da Comunidade Econômica Europeia (hoje União Europeia), da OTAN, da Comunidade Britânica das Nações (*Commonwealth*) e da ONU. Surgiram “propostas de paz” por parte do Secretário Geral das Nações Unidas, o peruano Javier Pérez de Cuéllar, e do presidente peruano Fernando Belaúnde Terry.

A questão chave, claro, era a posição dos EUA. Alexander Haig, Secretário de Estado, percorreu milhares de quilômetros tentando evitar a guerra entre seus dois aliados. Haig representava os interesses gerais dos EUA, mas advogava também em causa

própria, como ex presidente e diretor de operações da *United Technologies Corporation*, uma das principais fornecedoras de armas à Argentina que, entre 1978 e 1982, gastara no item US\$ 16,7 bilhões, quase metade de sua dívida externa. O entrosamento dos militares argentinos com o governo de Ronald Reagan, eleito em 1980, era tal que eles chegaram a propor um pacto político-militar EUA/Argentina/África do Sul (ainda no regime do apartheid) do Atlântico Sul, enquanto realizavam tarefas sujas por conta dos EUA na Bolívia e na América Central.

Segundo Moniz Bandeira, “desta relação carnal a Junta Militar inferiu que os EUA estariam também interessados em uma solução favorável à Argentina no litígio sobre as Malvinas/Falkland”. A recuperação das Malvinas, para os reacionários chefes militares argentinos, serviria para reforçar sua aliança com os EUA “contra o comunismo”, pois eles permitiriam construir uma base militar norte-americana no arquipélago conectada com outra na Patagônia, fechando estrategicamente o Atlântico Sul, e controlando as rotas do petróleo do Oriente Médio, assim como o acesso à Antártida. Para o mesmo autor, “a administração de Reagan, em maior ou menor grau, induziu à Junta Militar a crer que Washington assistiria à Argentina ou manteria a neutralidade em caso de invasão... A Argentina empreendeu a aventura com algum respaldo em Washington, pelo menos de alguns setores da administração de Reagan”.

Jeanne Kirkpatrick, assessora para a política externa dos EUA, e célebre defensora das ditaduras latino-americanas e de seus métodos violentos (o jornalista brasileiro Paulo Francis a apelidou de “tortura de direita não dói”), parece ter sido defensora de uma saída conciliatória com a ditadura argentina, ou até favorável a ela. Os militares argentinos, certamente, não eram versados em semiologia, nem em análises político - estratégicas, e acreditaram que o anticomunismo febril do cowboy ianque levaria a melhor sobre os interesses estratégicos do imperialismo dos EUA no Atlântico Norte. Foram, em soma, vítimas de sua própria ideologia, incutida em décadas de lavagem cerebral norte-americana. Os EUA, por sua vez, eram responsáveis indiretos pela criação de um magnífico pepino para seu principal aliado no hemisfério norte e na OTAN, ou seja, para eles mesmos.

Haig, por isso (entre outros motivos), não teve sucesso na sua missão dissuasiva junto à ditadura argentina. A neutralidade dos EUA era politicamente impossível. No final do mês de abril, o presidente norte-americano Ronald Reagan apoiou explicitamente os britânicos. Ao fazê-lo descumpriu o TIAR, aplicável em casos de guerra, para favorecer a um membro da OTAN, em vez de manter a neutralidade por pertencer a dois tratados de defesa. Galtieri falou na “traição de Washington”. A realidade do imperialismo se impôs aos tratados que regulamentavam as relações internacionais. O Chile de Pinochet, por sua vez, ao optar por apoiar a Grã-Bretanha, descumpriu também seu compromisso com o TIAR. A explicação de que o novo

ímpeto de recuperação da soberania argentina poderia chegar até as fronteiras chilenas reconhecidas pelo Laudo Arbitral multilateral de 1971-1978, que a Argentina havia declarado nulo de forma unilateral (em 1978, chegaram a soar os tambores de guerra entre Argentina e Chile pela soberania no Canal de Beagle), toma como base da posição chilena um texto (e seu repúdio) e não a realidade do imperialismo mundial e da subordinação a ele da Junta Militar chilena.



Soldados argentinos sendo transportados às Malvinas

Desde os últimos dias de abril de 1982, o Reino Unido contou com apoio diplomático internacional, e com a inteligência norte-americana via satélite, com as últimas versões dos armamentos norte-americanos AIM-9L Sidewinder, mísseis Stinger, e com dados tecnológicos essenciais da arma mais perigosa do Exército Argentino: os mísseis antinavio *Exocet* de fabricação francesa. Há dúvidas sobre os *Exocet*: o Reino Unido obteve acesso aos códigos para desativá-los em fase operacional, salvo os introduzidos pelo Peru, mas, não obstante as detalhadas informações fornecidas pelo construtor francês *Aérospatiale* sobre as características dos *Exocet* e sobre seu sistema de pontaria final, o míssil foi mais perigoso do que se temia, e em nenhum momento da guerra Inglaterra conseguiu estabelecer contramedidas eficazes contra ele. Foi com esse apoio político e militar do imperialismo (com os EU! e a França “socialista” de Mitterrand à cabeça) que Margareth Thatcher ordenou “corajosamente” à *Task Force* britânica recuperar as Malvinas, enviando uma força com 28 mil combatentes - quase três vezes o tamanho da tropa rival, sem falar na qualidade do armamento e da logística...

Não houve declaração oficial de guerra por nenhuma das duas partes; porém, conforme passava o mês de abril, o mundo viu os dois países entrar em guerra. Mais e mais navios da *Royal Navy* se dirigiram à zona de conflito em uma ação sob o comando do almirante John Fieldhouse, que recebeu o nome de *Operação Corporate*. Desde o princípio foi evidente que o primeiro objetivo inglês seriam as ilhas Georgias do Sul. Não somente havia um navio britânico na área, o mencionado *HMS Endurance*, como

também os dados da inteligência notificavam que a presença argentina nestas ilhas era reduzida. Reconquistar as ilhas Geórgia do Sul proporcionaria um pequeno ponto de apoio terrestre, e teria um efeito propagandístico de grande importância. A *Operação Paraquat*, nas Georgias, consistiu em uma série de improvisações e despropósitos táticos que saiu bem por pura sorte e pela fraqueza das forças opositoras, comandadas por Luis Lagos e pelo capitão Alfredo Istiz, “El Niño”, um incapaz covarde cujos “méritos militares” consistiam na infiltração das Mães de Praça de Maio (que resultou no sequestro e assassinato de sua primeira dirigente, Azucena Villaflor) e no assassinato de adolescentes (pelas costas, no caso da sueca Dagmar Hagelin) e de freiras.



Ilhas Georgias do Sul, vistas do espaço

O primeiro que chegou às ilhas Georgias, no dia 19 de abril, foi o submarino nuclear *HMS Conqueror*, um submarino projetado para combater a armada soviética, com uma tripulação treinada para lutar contra os cruzadores e submarinos russos. No dia 20, um avião de cartografia e reconhecimento por radar retornava à ilha de Ascensão depois de levantar novos mapas do arquipélago (sempre variáveis devido aos glaciares) e de cobrir 150.000 milhas quadradas de mar, na maior missão de reconhecimento de todos os tempos. Fez mapas estupendos. Durante o dia 21, o restante da força britânica chegou nas proximidades das ilhas, evidenciando a pobre gestão da operação: não estava claro quem mandava sobre quem, não atendeu aos experientes cientistas do *British Antarctic Survey*, conhecedores da zona.

No dia 23, um eco no sonar localizou a presença do submarino argentino *Santa Fé*; todas as operações foram rastreadas de imediato, o *HMS Tidespring* foi enviado para águas afastadas, outros dois petroleiros em aproximação se desviaram e a frota

britânica se despregou em ordem de combate para interceptá-lo. A *Operação Paraquat* havia se transformado em uma operação de resgate de montanha, e houve a estranha perseguição de um submarino dielelétrico construído durante a II Guerra Mundial, enquanto as tropas de Lagos e Astiz em Grytviken e Leith permaneciam distraídas. Os britânicos se concentraram agora em achar um ponto de inserção adequado para perseguir o Santa Fé. As ordens do capitão Bicain, no comando do Santa Fé, consistiam em evitar a presença britânica para desembarcar os parques reforços em Grytviken, pois não poderia enfrentar a terceira frota do mundo com um navio que vira um dique seco pela última vez em 1960. Estava tão deteriorado que não podia controlar sua profundidade; só tinha duas possíveis posições, na superfície ou submergido a cota fixa. Operar os tubos lança-torpedos implicava o risco de sofrer uma explosão. Frente a isto, estavam navios e submarinos construídos para lutar a Terceira Guerra Mundial.

A 25 de abril, um helicóptero do *HMS Antrim* detectou o Santa Fé e lançou duas cargas de profundidade tão obsoletas quanto o submarino ao qual se dirigiam (era o único armamento que o helicóptero levava a bordo). Uma delas explodiu muito perto e inundou os tanques de flutuação do Santa Fé, que se viu obrigado a sair à superfície. Alvo fácil, Bicain tratou desesperadamente de chegar a Grytviken. Mas outro helicóptero inglês lançou dois mísseis AS12, que atingiram a torre do Santa Fé, reconstruída em... materiais plásticos (em 1960), pelo que não ofereceu suficiente resistência para ativar a espoleta dos mísseis, que passaram adiante. Atacado por terceira vez, com torpedos dirigidos contra as suas hélices, para assombro de todos, especialmente de seus ocupantes, o Santa Fé chegou trabalhosamente a Grytviken e foi evacuado. Ficou seriamente avariado e se retirou.



A rota da Task Force britânica

As tropas inglesas acharam finalmente pontos de inserção adequados. Na ausência de patrulhas argentinas, simplesmente caminharam até Grytviken e Leith. Ao chegar à primeira localidade, encontraram bandeiras brancas fincadas nos edifícios. O tenente-comandante Luis Lagos havia decidido não lutar diante das forças britânicas. As Georgias foram entregues sem combate. Na manhã do dia 26, Lagos firmava a rendição na base do *British Antarctic Survey* em King Edwards Point. Astiz, responsável pelos quinze mergulhadores táticos em Leith, pela tarde firmaria também a rendição a bordo do *HMS Plymouth*. A imagem de Alfredo Astiz deu a volta ao mundo. A *Union Jack* rolava de novo sobre as ilhas Georgias do Sul.



Bombardeiro nuclear Avro Vulcan

Inglaterra dispunha da capacidade de atacar pelo ar tanto as ilhas Malvinas como o território continental argentino. O almirante Fieldhouse não queria ver jatos inimigos operando a partir do arquipélago. Foi por isso planejada uma série de operações de ataque a terra contra o aeroporto de Puerto Argentino, que se desenvolveria mediante bombardeiros Vulcan baseados na ilha de Ascensão. O Vulcan, um bombardeiro nuclear estratégico, não tinha o alcance (autonomia de voo) necessário. Foi necessário planejar complexas operações táticas de reabastecimento de combustível em voo mediante aviões tanques Victor. Os Victor tampouco iam tão longe, pelo que era necessário reabastecê-los por sua vez. Para cada dois Vulcan que chegavam às ilhas Malvinas a partir da Ilha de Ascensão, eram necessários onze aviões de reabastecimento em voo; foi o ataque aéreo mais longínquo realizado até então, na história mundial das guerras.



Zonas do desembarque inglês

O primeiro destes ataques foi realizado sobre o aeroporto de Puerto Argentino em 30 de abril às 8:00 da manhã, com 21 bombas convencionais de 454 kg de alto poder explosivo, das quais somente uma acertou a beira da pista. Mais devastadores foram os ataques que se seguiram, realizados pelos aviões *Sea Harrier* do esquadrão 800º operando a partir do porta-aviões britânico *HMS Invincible*, que já havia chegado à zona. Atacaram o aeroporto de Puerto Argentino com bombas de fragmentação, causando danos nas infraestruturas anexas. O maior dano foi realizado no aeródromo de Goose Green, onde os argentinos haviam estacionado aviões de ataque ligeiro Pucará. Um dos Pucará foi destruído, dois ficaram danificados sem qualquer possibilidade de reparo, e as instalações do aeroporto severamente afetadas. O tenente argentino Jukic morreu a bordo do seu Pucará enquanto tratava de decolar.



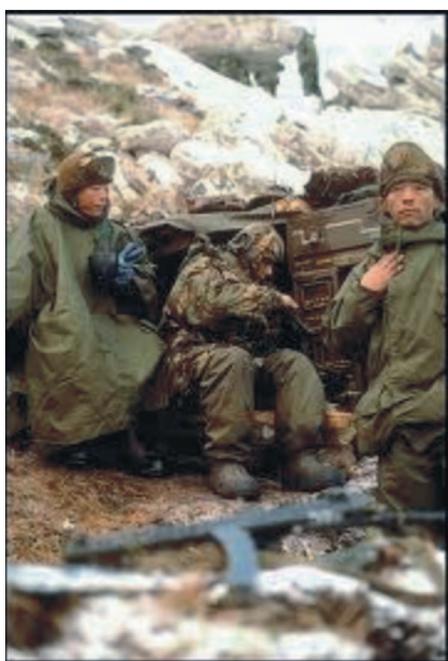
Avião de pouso e decolagem vertical ou de pista curta *Sea Harrier*

A Força Aérea Argentina reagiu enviando caças Mirage, IAI Daggers e bombardeiros Canberra: o destróier *HMS Glamorgan* e as fragatas *HMS Arrow* e *Alacrity* sofreram danos menores, porém o preço pago foi elevado. Nos combates aéreos dois *Harriers* (subsônicos) se enfrentaram com um número similar de *Mirages* (supersônicos). As táticas de combate aéreo dos Mirage argentinos foram muito deficientes; no confronto os britânicos derrubaram um Mirage, e danificaram outro com disparos de mísseis guiados. No confronto posterior derrubaram um IAI Dagger e um Canberra argentinos sem sofrer baixas, e também danificaram um Turbo Mentor. O Mirage avariado no combate com os Harrier, pilotado pelo capitão García Cuerva, tentou pousar em Puerto Argentino; a defesa antiaérea o confundiu com um avião britânico e o derrubou, o que acabou com a vida do piloto argentino. Outros três pilotos argentinos ficaram mortos ou desaparecidos no mar.

A Operação *Black Buck I* teve êxito pelo alcance operacional, mas foi um fracasso quanto aos seus resultados práticos, já que o aeroporto de Puerto Argentino nunca ficou totalmente inutilizado e os voos de transporte militar argentino do

C-130 Hércules se mantiveram até à última noite da guerra. Inglaterra demonstrou sua capacidade para atacar o arquipélago, inclusive o território continental argentino, a partir de bases tanto em terra como no mar, dando um golpe propagandístico e destruindo várias aeronaves no ar e em terra, sem sofrer nenhuma perda. Com a chegada da *Task Force* e a destruição do submarino Santa Fé, a frota argentina havia se deslocado para posições mais próximas do continente.

O contingente militar britânico seria da ordem de 10.000 homens, sendo que 7.500 estariam disponibilizados para combater na linha de frente, diretamente. Do lado argentino, especulase que o comando militar aumentara seus efetivos para 12.500 homens que ficariam em total prontidão. O chefe da Força Aérea e membro da junta governante, brigadeiro Basílio Lami Dozo, dizia que daria a ordem aos seus pilotos de atacar em massa a frota britânica assim que estes entrassem em seu raio de ação.



Soldados argentinos padecendo o frio inverno malvinense

A 30 de abril, as unidades mais relevantes da força de operações britânica já haviam configurado dois grupos de operações na zona das Malvinas, compostos por dois porta-aviões (*HMS Hermes* e *HMS Invincible*), quatro destróiers (*HMS Glamorgan*, *HMS Coventry*, *HMS Glasgow* e *HMS Sheffield*), quatro fragatas (*HMS Broadsword*, *HMS Alacrity*, *HMS Arrow* e *HMS Yarmouth*) e dois navios petroleiros e de suprimentos (*Olmeda* e *Resource*). Com sua posição consolidada, o Reino Unido declarou uma «zona de exclusão total» de 200 milhas náuticas ao redor do arquipélago, cujo centro não estava bem definido. Qualquer navio ou aeronave argentina que passasse dentro dessas águas poderia ser atacado sem prévio aviso. A frota argentina

havia decidido retirar-se da área por iniciativa própria em três grupos muito dispersos. O General Belgrano e suas duas escoltas patrulhavam situados no limite sul da zona de exclusão, mas fora dela. Navios tão antigos não cometeriam a imprudência de penetrar na “zona proibida”. Naquele mesmo dia, foram detectados pelo submarino nuclear *HMS Conqueror*, procedente da reocupação das ilhas Georgias do Sul.

6. O FERRO DA DAMA

O governo inglês teria provavelmente preferido alvejar o *25 de Mayo*, único porta-aviões da Marinha argentina. O General Belgrano era o segundo maior navio do Grupo de Tarefas 79 (nome dado à Frota Marítima argentina durante o conflito). Ao meio-dia do dia 2 de maio, e apesar de ter uma proposta peruana de paz em suas mãos, o governo de Margaret Thatcher autorizou o afundamento do General Belgrano, situado fora da zona de exclusão, com seus 1.093 tripulantes. Um crime de guerra que permaneceria sem julgamento até o presente. Às 15:00, com ondas de 12 m de altura, ventos de 120 km/h e temperatura ambiente em torno de -10 °C, o capitão do *HMS Conqueror*, Chris Wreford-Brown ordenou carregar os tubos lança-torpedos com os obsoletos Mk 8 (considerados mais confiáveis do que os novos Tigerfish). Cada um destes torpedos não guiados carregava 363 kg de alto explosivo. Em nenhum momento o grupo de tarefas 79.3 se deu conta de que o ataque era iminente, pois se encontrava fora da zona de exclusão. Às 16:00, e a curta distância, Wreford-Brown deu a ordem de disparar os três torpedos. Um deles tentou atingir o *Hipólito Bouchard*, mas errou o alvo. Os outros dois acertaram em cheio o General Belgrano. O primeiro acertou a sala de máquinas de popa, abrindo um rombo de 20 m. no casco, partindo a quilha e matando 272 tripulantes. O segundo acertou na proa, o que fez desaparecer 15 m. do barco.



O afundamento do “General Belgrano”

O navio estava perdido. Às 16:24 o capitão Héctor Bonzo ordenou evacua-lo. Seu destróier de escolta *Piedra Buena* se lançou à caça do submarino inimigo, porém Wreford-Brown escapou facilmente de um navio tão antigo. Durante os dias seguintes haveria tentativas sucessivas de afundar o *HMS Conqueror*, todas elas sem sucesso. Este voltaria ao Reino Unido, depois da guerra, tremulando a *Jolly Roger* (a bandeira pirata preta com a caveira e os dois ossos cruzados brancos, símbolo de vitória na Marinha britânica). 323 marinheiros argentinos perderam a vida (metade do total de mortos argentinos durante o conflito) em consequência do afundamento do General Belgrano, que foi qualificado internacionalmente de “uso desproporcionado da força sobre um navio obsoleto” (antecipando os argumentos de “resposta desproporcional” usados pelo hodierno pacifismo), com muitos marinheiros recrutas, e fora zona de exclusão, mas não se fez nada para sancionar esse ato selvagem, então e depois.

No Reino Unido, a catástrofe do General Belgrano foi ocasião de comemorações populares e primeiras páginas de jornais. Alguns meios, porém, começaram a assumir posturas moderadas e inclusive contrárias à guerra, diante de tal perda de vidas/ Alguns grupos de “extrema esquerda” britânicos (a esquerda inglesa cobriu-se de vergonha, não fazendo nada contra a investida imperialista de seu próprio país) se saíram pela tangente, reivindicando a “autodeterminação dos kelpers”. Ora, a “vontade dos kelpers” era exatamente o argumento oposto pelo governo Thatcher às pretensões de soberania argentina. A ignorância da esquerda inglesa foi muito mais que uma simples ingenuidade.

Os planos navais argentinos tinham sido frustrados, todavia a Argentina apelou para a sua Força Aérea, que, surpreendentemente, a partir do afundamento do General Belgrano, começaria a infligir importantes baixas à *Task Force* britânica. A frota argentina havia determinado com bastante precisão a área geral de operações de dois grupos de batalha britânicos pelo procedimento de detectar suas transmissões radioeletrônicas. Na manhã do dia 4 de maio, um avião de patrulha P-2 Neptune da Força Aeronaval Argentina estabeleceu por radar as posições da *Task Force*. De imediato, dois aviões de fabricação francesa *DassaultBreguet Super Étendard* da 2º Esquadrilha decolaram de Rio Grande às 9:45 com um míssil Exocet AM39 cada um para realizar um grande voo semicircular que os aproximasse aos navios inimigos, sendo pilotados pelos capitães Augusto Bedacarratz e Armando Mayora. Atrás deles havia um grupo de IAI Daggers para dar-lhes cobertura, e um Learjet em missão de alerta.

Os Exocets acabavam de chegar da França e, devido ao embargo imposto pela OTAN contra a Argentina, os instrutores franceses não haviam se apresentado para ensinar seu uso aos oficiais técnicos argentinos. Os técnicos da base de Rio Grande tinham em suas mãos essas armas muito sofisticadas, sem saber como usá-las. Não se desencorajaram e fizeram o possível para aprender todos os seus segredos, lendo os seus manuais, e desmontando e montando algumas partes do míssil. Quando

finalmente os instalaram a bordo dos *Super Étendard*, não estavam seguros de que eles realmente funcionariam. Por outro lado, o Reino Unido prosseguia suas operações militares, executando a segunda série de bombardeios sobre as Malvinas, buscando o submarino *San Luis* que estava na área, supervisionando de longe as operações de resgate da tripulação do General Belgrano e de suas aeronaves, e se aventurando até às proximidades da costa argentina para inspecionar possíveis objetivos, apesar de que Argentina também estabeleceu uma zona de exclusão. A Leste das Malvinas, dois porta-aviões e seus navios auxiliares atuam de retaguarda avançada, bem protegidas do cerco das fragatas com seus mísseis de curto alcance *Sea Wolf* e pelos destróieres do tipo 42 (que acompanhavam o *HMS Sheffield*) com seus sofisticados radares e seus mísseis de médio alcance *Sea Dart*, apoiados pela fragata *HMS Yarmouth*.

Às 10:35 o P-2 Neptune de reconhecimento argentino fez uma subida a 1,2 km de altitude, localizando um alvo grande e dois pequenos, e retransmitindo as informações. Às 10:50 os dois *Super Étendards* —que vinham voando pouco acima das águas— realizaram uma pequena subida de 160 metros para confirmar as coordenadas fornecidas pelo Neptune, sem encontrar nada, mas decidiram continuar: 40 km adiante acharam seu alvo grande e três pequenos. Voltaram a voar baixo, carregaram as ogivas dos Exocet e os dispararam às 11:04. Depois, retornaram a Rio Grande. Os lançamentos foram realizados em altitude muito baixa, com mísseis montados sem qualquer assistência do fabricante e no limite do alcance dos Exocet: quase 50 km. Às 11:07, um dos dois mísseis atingiu em cheio o destróier *HMS Sheffield*, o navio mais moderno da *Royal Navy*. Segundo algumas fontes, a ogiva de guerra não detonou, e o que se produziu foi um incêndio causado pelos gases de combustão do Exocet, que se espalhou rapidamente. O capitão do *Sheffield* assegurou que o míssil explodiu, destruindo o centro de operações e o de engenharia. Em poucos segundos, o moderno destróier estava em chamas. 22 homens morreram e 24 ficaram gravemente feridos.

O *HMS Sheffield* e a fragata *HMS Yarmouth* não detectaram a presença do Exocet, até que um marinheiro o viu aproximar-se, 4 segundos antes do impacto. Uma versão diz que nesse momento estavam realizando retransmissões via satélite, que faziam o radar ficar cego. Outra, que os monitores do radar o identificaram como um projétil amigo devido a sua origem francesa (!). Outra versão, finalmente, afirma que a tripulação dos navios britânicos ficou demasiadamente confiada, apesar dos britânicos terem passado a manhã detectando as transmissões do Neptune; havia já uma patrulha de Harriers no ar para interceptá-lo. O Exocet aproximou-se sub-repticiamente de um navio de alta tecnologia e o afundou. O segundo Exocet falhou o seu alvo e se perdeu. Marinheiros a bordo do *Yarmouth* asseguraram tê-lo visto passar diante de seus olhos. Rapidamente, vários navios pediram ajuda para o *HMS Sheffield*. Evacuaram os sobreviventes e conseguiram

controlar o incêndio. Não obstante, o navio estava à deriva, já perdido. Tentaram rebocá-lo de volta ao Reino Unido, mas o navio afundou no caminho.

A «soldadesca terceiro-mundista» de que falava a imprensa londrina acabava de abater o navio mais moderno da frota britânica. Os pilotos Bedacarratz e Mayora foram recebidos na Argentina como heróis. O Exocet ganhou fama entre o público de todos os países, que assistia pela primeira vez a uma guerra aeronaval baseada no uso de mísseis. O almirante Fieldhouse afastou as suas unidades da costa, o que significava um problema, porque seu propósito era o contrário: dominar as águas ao redor das ilhas Malvinas e reconquistá-las. A partir do dia 10 de maio, numerosos navios de guerra e de apoio britânicos saíram do Reino Unido para reforçar a *Task Force* e ajudar no desembarque previsto nas ilhas Malvinas no final do mês. A coisa ficara mais grave do que o previsto. As forças argentinas mantiveram-se na expectativa, tratando de reforçar a guarnição no arquipélago e garantindo a segurança das comunicações com o continente. No dia 15, tiveram que retirar do serviço os aviões de reconhecimento P-2 Neptune, por falta de peças de reposição, o que deixou à Argentina sem seus «olhos eletrônicos» mais capazes.

Este período de preparativos, que se estenderia até o 21 de maio, esteve permeado de ações aeronavais. Com a experiência do *HMS Sheffield*, o almirante Fieldhouse não se sentia tentado em aproximar seus navios mais valiosos às Malvinas. Sucederam-se vários incidentes, em que ambas as partes perderam aviões, e Argentina alguns pequenos barcos de transporte, de carga e de reconhecimento. As unidades britânicas incrementaram seu nível de agressividade, chegando a atacar pelo menos em duas ocasiões embarcações e aeronaves de salvamento argentinas, ferindo os princípios mais elementares do direito de guerra internacional. No dia 12, aviões A-4 *Skyhawk* argentinos tentaram destruir com bombas o *HMS Glasgow* e o *HMS Brilliant*, que se encontravam bombardeando Puerto Argentino. O ataque resultou num fracasso, com a perda de quatro aviões (um deles por fogo amigo). Apesar disto, o *Glasgow* recebeu o impacto de uma bomba que não chegou a detonar, porém causou danos suficientes para obrigá-lo a voltar ao Reino Unido. No dia 14, uma operação de tropas SAS em ilha Borbón (*Peeble Island*), apoiada pelos navios *HMS Hermes*, *HMS Broadsword* e o *HMS Glamorgan* obteve êxito ao destruir onze aviões ali estacionados. Esta operação marcou o início da escalada da atividade militar britânica. Os bombardeios costeiros ficaram mais intensos. A invasão das ilhas Malvinas era iminente.

Um incidente que pôs em evidência a cooperação da ditadura chilena com o Reino Unido aconteceu no dia 18 de maio, ao serem descobertos os restos de um helicóptero britânico *Sea King* (ZA-290) abandonado e destruído pelos seus ocupantes próximo à Punta Arenas, no Chile. A versão mais confiável afirma que este helicóptero participava de uma ação a cargo do esquadrão B do SAS, destinada a destruir os aviões

Super Étendard e os mísseis Exocet da 2ª Esquadrilha em Rio Grande, no território continental argentino. A partir da destruição do *HMS Sheffield*, eliminar esses mísseis se convertera em prioridade para o Almirantado Britânico. Segundo a versão, às 0:15 do dia 18 de maio, o tenente Hutchings decolou do *HMS Invincible* com seu helicóptero Sea King ZA-290 e um grupo de 9 soldados de elite. Sua missão era penetrar nas proximidades da base de Rio Grande, donde estavam os *Super Étendards* com seus Exocets, para observar seus movimentos e preparar a chegada de duas lanchas com 50 soldados que destruiriam com bombas essa base essencial para Argentina.

Depois, os soldados ingleses seriam evacuados ou fugiriam até o Chile, onde o regime de Augusto Pinochet havia garantido, em segredo, apoio para serem evacuados. Dias antes havia chegado ao Chile um certo “capitão Andrew”, com cobertura diplomática, para realizar um reconhecimento preliminar. Seus movimentos não foram restringidos em nenhum momento pelo governo chileno. Reagan haveria advertido sua amiga Margareth Thatcher que uma operação em território continental argentino poderia envolver na guerra os outros países do TIAR, como Peru e Venezuela, porém o governo britânico teria optado por ignorar essa consideração, e as objeções de suas próprias unidades de comandos.

O ZA-290 foi detectado por radares argentinos, e o tenente Hutchings decidiu cancelar a operação e dirigir-se diretamente ao Chile. Sem combustível, pousou na praia de Água Fresca, já em território chileno. Foi abandonado e destruído por seus ocupantes, que retornaram ao Reino Unido em voo regular e sem nenhum problema, o que confirmaria a implicação chilena no conflito do lado britânico (oficialmente, “renderam-se às autoridades chilenas”). O helicóptero de apoio, outro Sea King com matrícula ZA-292, retornou ao *HMS Invincible*. A *Operação Mikado* (assim se chamava a projetada investida britânica em território continental argentino) foi cancelada, e o Almirantado prosseguiu com os seus planos de reconquista sob a ameaça dos Exocet.

O general chileno Fernando Matthei confirmou em entrevista que durante toda a guerra existiu uma constante cooperação do mais alto nível de seu exército com o Reino Unido, pois “temiam serem os seguintes” (a serem invadidos pela Argentina). Matthei afirmou que o Chile apoiou secretamente o Reino Unido e fez todo o possível para que a Argentina perdesse a guerra. Aviões britânicos com insígnias chilenas sobrevoavam a Patagônia chilena e usavam bases chilenas como centros de operações. Um grande número de soldados chilenos foi trasladado para o sul do Chile, alarmando a Argentina e fazendo com que as tropas argentinas se transferissem para essa zona.

Anos depois, Margaret Thatcher também fez pública essa colaboração, agora para defender Pinochet durante sua estada no Reino Unido, quando aconteceu o episódio da prisão do ditador devido à extradição solicitada pelo juiz espanhol Baltasar

Garzón. Peru não somente apoiou diplomaticamente a Argentina, como também apoiou militarmente com ações de inteligência e mísseis Exocet de fabricação francesa, apetrechos militares e remédios. Peru mobilizou sua frota naval ao sul, fronteira que compartilha com o Chile com o propósito de neutralizar o movimento militar Chileno à Patagônia, as forças armadas peruanas estavam postas para entrar em ação se o Chile tomasse parte do conflito. Peru foi um dos poucos aliados da Argentina que a apoiou abertamente durante o conflito.



Margareth Thatcher revista as tropas inglesas

No dia 18 de maio, o governo britânico deu ao almirante Woodward o sinal verde para um desembarque na costa Leste do Estreito de San Carlos, que separa as duas ilhas principais do arquipélago malvinense. Uma operação arriscada que obrigaria os navios a entrar em um estreito rodeado de montanhas; um lugar perfeito para sofrer ataques de baixa altitude por parte da aviação argentina. Ao anoitecer do dia 20 de maio, 12.000 soldados argentinos sabiam que o ataque britânico era iminente, pois durante os dias anteriores já tinha havido numerosas detecções no radar e um forte incremento da atividade inimiga. Pela manhã, o Secretário Geral da ONU Javier Pérez de Cuéllar reconheceu o fracasso de suas gestões “em favor da paz”. Uma proposta peruana fora também rechaçada. Às 18:00 desse dia, apareceram ecos de radar de dois helicópteros que logo foram vistos pela Rede de Observadores Aéreos. Às 22:00, houve alarmes de iminentes ataques e desembarque aerotransportado; nesse dia os soldados dormiram com o FAL carregado. Uma parte das forças militares argentinas estava composta por infantaria de recrutamento obrigatório, não voluntários profissionais. As comunicações navais com o continente estavam cortadas, e as comunicações aéreas sofriram graves alterações em suas operações devido à constante presença de patrulhas de caças inimigos.

A Força Aérea Argentina, porém, manteve o contingente no arquipélago abastecido até a última noite da guerra, apesar das condições adversas.

Diante e em torno das modestas tropas argentinas estava a quase totalidade da *Royal Navy*: mais de 120 navios, 33 deles navios de guerra de primeira linha, com vários milhares de soldados profissionais e de elite preparando-se para o desembarque. Os submarinos britânicos já eram completamente donos de todas as águas ao redor das Malvinas, pelo que a frota argentina permaneceu no porto. Não obstante essa superioridade tecnológica e militar britânica, a guarnição das Malvinas e a Força Aérea Argentina prepararam-se para a defesa. Durante a noite do dia 20 de maio de 1982, a *Operação Sutton*, dirigida pelo contra-almirante Woodward e o comodoro Clapp, pôs-se em marcha. Dezenove navios da Marinha Real (o transatlântico *Canberra*, os navios de assalto *Fearless* e *Intrepid*; os navios de desembarque *Sir Percival*, *Sir Tristram*, *Sir Geraint*, *Sir Galahad* e *Sir Lancelot*; os navios de apoio logístico *Europic Ferry*, *Norland*, *Fort Austin* e *Stromness*; escoltados pelo destróier *Antrim* e as fragatas *Ardent*, *Argonaut*, *Brilliant*, *Broadsword*, *Yarmouth* e *Antelope*) dispersaram-se pelo Estreito de San Carlos.



Bandeira da Task Force britânica

À 1:00 do dia 21 de maio, as primeiras tropas britânicas chegavam em terra na Baía de San Carlos, ao extremo ocidental da Ilha Soledad (onde está a capital Puerto Argentino/Port Stanley). Sem encontrar resistência, estabeleceram rapidamente três cabeças de praia e avançam até a localidade de San Carlos, onde se produziram as primeiras lutas. Diversas unidades aeronavais britânicas realizavam ataques de apoio cerrado em outros pontos do arquipélago, bombardeavam alvos selecionados e enviavam tropas para Darwin e Goose Green. Os *gurkhas* (tropas de origem nepalesa) britânicos tornar-se-iam nessa ocasião famosos, por sua participação com o 1º Batalhão integrado a 5ª Brigada de infantaria inglesa. Desembarcaram na Baía de San Carlos e na primeira semana organizaram patrulhas para cercar grupos dispersos de argentinos, que os chamavam de “terríveis”, pela sua extrema agressividade. Eram inicialmente

escalados para missões de patrulha e reconhecimento, mas tiveram participação decisiva na tomada do monte Williams na parte final da batalha.

As montanhas circundantes pareciam proteger as unidades britânicas e pô-las a salvo dos radares inimigos. Porém, a aviação argentina já havia demonstrado ser capaz de aproveitar esta classe de obstáculos em seu próprio benefício; o desembarque britânico afastava as unidades implicadas da força principal situada ao Leste da Ilha Soledad. Um ataque direto sobre Puerto Argentino ou sua periferia não teria sido adequado, pois ali se concentrava a maior parte da guarnição argentina; historiadores afirmam que Woodward e Clapp escolheram um dos três piores lugares possíveis para iniciar o ataque, e pagaram caro pelas consequências. Um Aeromacchi MBB 339 argentino utilizou as características geográficas do Estreito de San Carlos para sobrevoar a força de desembarque britânica sem ser derrubado, fez alguns disparos com seus lança-foguetes Zuni, provocando danos menores na fragata *Argonaut*. Meia hora depois, a Força Aérea Argentina lançou seus aviões para uma série de ataques de grande ousadia que rebatizariam o Estreito de San Carlos como «o corredor das bombas».



O porta-aviões britânico HMS Invincible

Formações de ataques aéreos argentinos fizeram chover bombas por cima das tropas inglesas durante cinco horas. Houve um primeiro ataque sem consequências ao cargo de dois Daggers às 10:25, cinco minutos depois atacaram duas esquadrilhas de três Dagger cada uma. Com seus canhões e bombas danificaram severamente a fragata *HMS Broadsword*, e deixaram fora de serviço o destróier *HMS Antrim*, perdendo um avião. Simultaneamente, cinco A-4B Skyhawk do Grupo 5 de Caça se lançaram sobre a *Argonaut*, danificando-a gravemente com duas bombas de meia tonelada que não explodiram. Uma hora mais tarde, dois A-4B se adentraram no estreito, bombardeando erradamente o casco avariado do navio argentino *Río Carcarañá*, enquanto o líder

atacava sem sucesso a fragata *Ardent*. Ao mesmo tempo quatro A-4C do Grupo 4 de Caça eram interceptados, sendo dois deles derrubados: os dois pilotos argentinos perderam a vida.

Uma breve trégua se seguiu, que terminou abruptamente. Três Dagger descobriram que a *Ardent* que navegava rumo ao norte e a alcançaram com duas bombas, uma das quais explodiu, matando quatro homens. Cinco minutos depois, outros três Daggers atacaram com fogo de canhão a fragata *Brilliant*, deixando alguns feridos e danos menores. Pouco depois a esquadrilha de Daggers foi aniquilada sobre a Grande Malvina pelos Sea Harriers, embora os três pilotos pudessem ejetar-se. Finalmente, três A-4Q Skyhawk da 3ª Esquadrilha da Aviação Naval Argentina atacaram a avariada *Ardent*, atingindo-a com várias bombas de ação retardada Snakeye. A formação argentina foi interceptada, tendo derrubados dois aviões e avariado o terceiro, de tal forma que seu piloto se ejetou da cabine.

O ataque havia firmado a sentença de morte da *Ardent*: com 22 mortos e 37 feridos a bordo, os incêndios se espalhando e a água do mar penetrando em grande velocidade na linha de flutuação, a fragata *Yarmouth* foi colocada junto à *Ardent* e procedeu a evacuação dos feridos e do resto da tripulação. Depois de arder em chamas durante horas, o navio afundou às duas horas da madrugada do dia seguinte. Entretanto, os navios de desembarque dentro da Baía de San Carlos continuaram levando unidades de combate para terra firme. Desembarcaram carros de combate e quatro baterias de canhões de 105 mm do 29º Comando e do 4º Regimento. Os sobreviventes da *Ardent* foram transportados ao *Canberra*. O desembarque fora feito com sucesso, porém a um custo elevadíssimo para as forças inglesas.

Em terra, o desembarque na Baía de San Carlos continuava. Durante os dias 22 e 23 de maio, as tropas inglesas asseguraram numerosos pontos táticos e acumularam grandes quantidades de armas e suprimentos chegados por via marítima. A fragata *HMS Antelope* substituiu a *Ardent*. Numerosos navios logísticos, entre eles o cargueiro *MV Atlantic Conveyor* estacionaram no Estreito de San Carlos para descer mais homens e materiais. O general Julian Thompson, chefe das forças terrestres britânicas, estabeleceu seu QG em San Carlos. Apesar das perdas sofridas no dia 21, o desembarque fora finalmente um sucesso.

Não obstante, a meio-dia do dia 23 detectaram aviões argentinos ao sul do estreito, afugentando-os com fogo antiaéreo. Eles “abriam passo” para uma dupla formação de 12 Daggers e 6 Skyhawks, vindos do continente. Três A-4B Skyhawk reapareceram a grande velocidade e altitude muito baixa, recebendo uma densa cortina de fogo antiaéreo. O avião líder, atingido, desapareceu atrás das montanhas para voltar ao continente. “De maneira suicida”, segundo os relatos, os dois aparelhos restantes

continuaram o ataque contra a recém-chegada *HMS Antelope*. O alferes Hugo Gómez lançou suas bombas que atingiram a fragata, sem explodir, e conseguiu fugir. O tenente Luciano Guadagnini foi atingido depois de lançar sua carga, desintegrando-se pouco antes que sua bomba atingisse a nave britânica sem explodir.

A *Antelope* ficou fora de combate. Com duas bombas sem explodir a bordo e um incêndio controlado, os britânicos evacuaram a fragata. Pouco depois, uma das bombas argentinas detonou: a *Antelope*, atingida por uma terrível explosão e partida em dois, afundou. A aviação argentina continuou atacando, e perdendo cada vez mais aviões. Atingidos pelos navios de desembarque *HMS Sir Galahad* e *Sir Lancelot*, no dia 24 perderam três Daggers e um Skyhawk, abatidos por Sea Harriers que não sofreram perdas. A 25 de maio pela manhã, o primeiro Skyhawk argentino foi atingido por um míssil do destróier *HMS Coventry*. A meio-dia houve outro ataque argentino sobre as forças de desembarque no Estreito de San Carlos: um Skyhawk foi derrubado por um míssil disparado de terra e outro caiu pelo fogo do *Coventry*. Um ataque de quatro Skyhawks sobre esse destróier e a fragata *Broadsword* danificou severamente a popa desta. O *Coventry* recebeu o impacto direto de três bombas que mataram 19 homens, e fizeram evacuar o navio, que afundou. Nenhum avião atacante foi abatido.

O Almirantado britânico ficou nervoso. Já eram quatro os navios de guerra britânicos de primeira linha afundados, com outra dezena danificada. Não era o previsto. Os chefes decidiram acelerar as operações terrestres, para terminar o antes possível com este “obscuro incidente colonial” que se convertera em uma guerra de verdade. Às 16:30 duas fortes explosões abalaram o *MV Atlantic Conveyor* ao norte da Ilha Soledad, bem próximo do portaaviões *HMS Hermes*. A explosão produziu um grave incêndio, e havia sido produzida pelos ataques dos *Super Étendards* do 2º Esquadrão Aeronaval da Argentina, com dois Exocet lançados contra os alvos distantes que apareciam em seus radares. O *Atlantic Conveyor* foi evacuado, ardendo com dez helicópteros e milhares de toneladas de material a bordo, até ficar reduzido a um esqueleto calcinado.

No total, dois grandes navios ingleses perdidos em um só dia, outros seis danificados, com a aviação argentina perdendo somente três aviões. Para Margaret Thatcher, para Inglaterra e seus apoiadores, a guerra das Malvinas estava transformando-se em uma derrota. Em 26 de maio se reuniu novamente o Conselho de Segurança da ONU, aprovando a Resolução 505, que reafirmava a anterior (502), obrigando as partes no conflito a cooperar plenamente com o Secretário Geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuéllar, em seus esforços para por fim às hostilidades.

Mas o Reino Unido possuía vantagens militares e logísticas estratégicas. A Marinha Argentina estava confinada no porto desde o afundamento do *Belgrano*. A *Royal Navy*, permanecia no mar. As forças de reserva, milhares de homens a bordo do

Queen Elizabeth II, estavam na expectativa: seus suprimentos e reforços, em vez de viajar diretamente às Malvinas, descreviam um semicírculo que os colocava fora do alcance da aviação argentina. As forças terrestres inglesas haviam desembarcado com sucesso obscurecido pela destruição dos equipamentos a bordo do *Atlantic Conveyor* e do *Sir Lancelot*, mas todos os homens haviam chegado em terra junto com a maior parte do seu material, estavam bem estabelecidos e protegidos contra ataques aéreos tanto por seus próprios sistemas antiaéreos como pelas patrulhas de Harriers e suas linhas logísticas. Frente a eles, 12 mil soldados do Exército e da Marinha argentinos, mal equipados e mal abastecidos do mais elementar, exceto pelo par de contêineres que os aviões de transporte Hércules transportavam a cada noite a partir do continente.

Um movimento de pinça terra-mar confinou as tropas argentinas nos arredores de Puerto Argentino, ao mesmo tempo estabelecendo rapidamente uma cabeça de praia na costa leste da Ilha Soledad, de tal modo que sua linha logística não tivera que penetrar nas perigosas águas do estreito de San Carlos, “o corredor das bombas”. Dessa forma, os suprimentos e reforços poderiam chegar diretamente a partir do oceano. A conquista do corredor entre Darwin e Goose Green dividiria a Ilha Soledad em duas metades, e liberaria o passo a partir do ponto de desembarque em San Carlos até o oceano, ao Leste. O primeiro ponto de ataque seria Goose Green. Se as forças do Batalhão de Paraquedistas 2 (2 PARA) estacionadas em Darwin conseguissem tomar essa posição e seu aeródromo, as forças argentinas ficariam cercadas na metade norte da Ilha Soledad, do outro lado das montanhas, e as forças inglesas teriam acesso a um corredor costeiro até o oceano. A primeira batalha terrestre da guerra das Malvinas foi, por isso, em Goose Green.

Logo depois da meia-noite do dia 28 de maio, o 2º Batalhão de paraquedistas ingleses (PARA 2) partiu do lado ocidental do extremo norte do istmo que divide Ilha Soledad em dois. As companhias B e D penetraram no istmo, enquanto a companhia A se situou ao leste, iniciando o ataque tomando Burntside House sem achar presença argentina. As outras companhias se dirigiram à posição de Boca Hill, recebendo fortes rajadas de fogo argentino. Enfrentando tropas mal preparadas e com armas antiquadas, os britânicos capturaram paulatinamente povoados menores, até cercarem a capital, para eles chamada Port Stanley. A companhia A prosseguiu seu caminho até o sul para enfrentar o 25º Regimento de Infantaria argentino na colina Darwin. Na luta, os argentinos detiveram o avanço da companhia A, apesar de sofrerem severas perdas, incluindo o seu comandante, tenente Roberto Estévez. O ataque britânico, porém, havia sido detido.

Estévez morreu em combate, ainda dando ordens de batalha. O tenente-coronel H. Jones, chefe do II Batalhão de Paraquedistas, ao comando das tropas inglesas, dirigiu pessoalmente um grupo contra a colina Darwin, caindo mortalmente ferido

pelos soldados recrutas argentinos Guillermo Huircapan e Jorge Ledesma, com fogo de metralhadoras e fuzis. Foi o mais alto oficial inglês caído na guerra das Malvinas. Houve dois combates nas alturas de Darwin: uma ao redor da baía Darwin, e outro de igual ferocidade em frente a Boca Hill, defendida pelo subtenente Guillermo Aliaga ao comando da 3ª Secção de Atiradores do Regimento 8.



Mapa da batalha de Goose Green

A defesa argentina foi tenaz, apesar do pesado assalto com morteiros, metralhadoras e projéteis antitanques. Na colina Darwin, o Regimento 12 ao comando do subtenente Ernesto Peluffo defendeu tenazmente suas trincheiras. Soldados não profissionais esgotaram sua munição e se reabasteceram várias vezes com a munição do pessoal já morto. «Os defensores argentinos lutaram bravamente», segundo Max Hastings e Simon Jenkins.

Com o apoio da unidade Milan antitanque, que destruiu numerosas posições argentinas, a companhia A de paraquedistas ingleses ocupou finalmente as colinas Darwin e Boca. A resistência fora feroz e o plano concebido originalmente pelo comandante Jones foi um fracasso. Com uma severa reorganização no meio do combate, os paraquedistas britânicos conseguiram finalmente superar as altitudes de Darwin à primeira hora da tarde do dia 28 de maio, e desceram até Goose Green. O

combate não parou: enquanto as companhias C e D estavam tomando a base aérea e a escola do povoado, continuaram os tiroteios.

Pouco antes do anoitecer, às 5 da tarde, um Pucará e um Aeromacchi argentino caíram abatidos. O comandante inglês Keeble ofereceu ao seu par argentino Piaggi a rendição em termos honoráveis. Piaggi cedeu, e Goose Green caiu em mãos britânicas depois de 14 horas de combate. Quando amanheceu jaziam mortos, nas forças inglesas, 15 paraquedistas, um engenheiro real e um piloto, além de 64 feridos. Em torno de 50 argentinos morreram, outras centenas ficaram feridas e mais de mil argentinos foram feitos prisioneiros, sendo depois repatriados via Montevidéu. A posição estratégica britânica em Ilha Soledad estava consolidada, só era uma questão de tempo até que toda a guarnição argentina nas Malvinas entrasse em colapso.

Mas os helicópteros com que as forças inglesas contavam para uma rápida ação aeroterrestre contra Puerto Argentino não eram mais do que ferragens a bordo do calcinado *Atlantic Conveyor*. As tropas britânicas teriam que avançar a pé, através das montanhas geladas. No dia 30 de maio se realizou a operação mais importante da Força Aérea Argentina. O almirante Woodward havia retirado seus navios sem deixar desprotegidas suas forças nas Malvinas. Com 3.800 britânicos já desembarcados, somente golpes devastadores contra eles podiam evitar a derrota argentina. Os Sea Harriers ingleses vinham demonstrando ser abertamente superiores em combate aéreo a qualquer avião de combate da força aérea e aeronaval argentina. A única chance argentina era atacar os porta-aviões, coração da frota britânica. Na manhã do dia 30 de maio decolaram de Rio Grande quatro *Skyhawks* com bombas de 250 kg retardadas por paraquedas, para evitar falhas de detonação, e dois *Super Étendards*, um dos quais transportava o último Exocet da Argentina.



Norte da Ilha Soledad, cenário das batalhas finais

Após reabastecer-se em voo, atacaram a partir do sul. O primeiro a disparar foi um *Super Étendard*, lançando seu Exocet contra um alvo de grande tamanho nitidamente detectado em seu radar. Cumprida sua missão, os *Super Étendards* deram a volta para retornar à base. Sem mais Exocet disponíveis, seu papel na guerra havia se encerrado. Os *Skyhawks* usaram o rastro do Exocet para guiar-se até o alvo, observando uma grande coluna de fumaça preta no horizonte. O Exocet, uma vez mais, havia atingido um alvo, pondo em alerta os porta-aviões ingleses e a fragata *HMS Avenger*. Quando os pilotos argentinos chegaram, se encontraram com densas camadas de fumaça preta e de névoa branca, geradas pelos dois navios para ocultar-se. Também se encontraram com uma densa barreira de fogo antiaéreo. Quando já tinham claramente o *HMS Invincible*, principal porta-aviões britânico, em suas miras, um míssil derrubou o avião líder; um de seus motores caiu sobre o elevador de aeronaves do porta-aviões, produzindo um pequeno incêndio. Os pilotos argentinos morreram.



Avião de ataque naval Dassault-Breguet Super Étendard

Porém, os outros dois aviões argentinos conseguiram lançar suas bombas e escapar da área a grande velocidade, perseguidos por mísseis. Fizeram a última vista de seu alvo de longe, e asseguram tê-lo visto envolto em “uma fumaça densa e preta”, atingido pelas suas bombas, o que contraria a versão britânica da história, que afirma que suas bombas foram parar no mar. Nesse mesmo dia, houve combates durante as operações preliminares de reconhecimento para o avanço inglês até Puerto Argentino. Em violentos enfrentamentos, que duraram quarenta minutos, dois argentinos foram mortos, seis feridos e os últimos cinco caíram prisioneiros. Os britânicos sofreram quatro baixas.

Entre os dias 29 e 31 de maio aconteceram violentos combates sobre as encostas do monte Kent. As tropas do Exército Argentino tentaram sem sucesso tomar os helicópteros britânicos de surpresa, com cinco patrulhas. Um Puma, com 17 comandos, foi atingido por fogo terrestre, morrendo seis soldados. Outro comando, explorando o caminho até o cume do monte Bluff Cove Peak, caiu numa emboscada, sofrendo fortes baixas. O golpe devastador era obra dos comandos britânicos (SAS). Os soldados argentinos abatidos pelo fogo automático do inimigo receberam a mais

alta condecoração argentina, a “Cruz ao Heroico Valor em Combate”. Depois da emboscada no monte Kent, os sobreviventes da patrulha 602 trocaram tiros com o inimigo apostado nas alturas e responderam até o fundo do vale, encontrando covas onde puderam esconder-se. Permaneceram isolados durante três dias, observando os helicópteros britânicos que decolavam de San Carlos até o monte Kent.

A 1º de junho, cinco mil soldados ingleses da Brigada de Infantaria 5º, dos *gurkhas* e da Guarda Galesa e Escocesa desembarcam em San Carlos, de onde já operava uma pista para os Sea Harriers: um míssil Roland argentino de fabricação francesa abateu, lançado desde Puerto Argentino, um desses aviões. Com as forças avançadas britânicas a 20 quilômetros de Puerto Argentino/Port Stanley, e tomados os montes Kent e Challenger, as tropas inglesas concentraram e acumularam suas forças em meio a um tempo espantoso. Os navios, a artilharia e os aviões britânicos bombardearam quase constantemente a linha argentina estendida sobre os morros Longdon - Dos Hermanas - Harriet. Nas palavras de um soldado argentino: “Já que nos dançamos nesta, vamos fazê-lo bem. Vamos apoiar o subtenente que está doente e continua com a gente. Temos que ajudar antes que congelem os pés, ou ao que se assuste. Porque daqui saímos todo mundo ou não sai ninguém”. Os relatos emocionados de soldados argentinos veteranos da guerra abundam em exemplos de valentia de suboficiais e soldados recrutas.



Defesa de Puerto Argentino

Entre 3 e 6 de junho os combates perto de Puerto Argentino/Port Stanley atingiram extrema violência. No mesmo momento, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a resolução 505, que designava como mediador a Javier Pérez de Cuéllar. No dia 5, os EUA e o Reino Unido vetaram um novo projeto de cessar-fogo. Baseadas na situação no teatro de combate, a política das nações imperialistas era impor uma completa derrota argentina. Para o general Moore, agora comandante das forças terrestres britânicas, a crise das Malvinas estava praticamente resolvida. O cerco sobre Puerto Argentino/Port Stanley já estava quase fechado. Faltavam apenas desembarcar algumas unidades das Guardas Galesa e Escocesa em Fitzroy e Bahía Agradable, ao sul

da capital malvinense. Junto com eles chegaram numerosas peças de morteiro e mísseis antiaéreos Rapier.

Em quem pese a enorme superioridade do material militar britânico, os combates continuaram. A atividade da aviação argentina durante as duas semanas anteriores havia sido relativamente fraca quando, às sete da manhã do dia 8 de junho, o *Sir Galahad* ancorou em Fitzroy. Os Guardas Galeses, que deviam concentrar-se com duas companhias em Bahía Agradable, se negaram a realizar a marcha a pé e insistiram em permanecer no navio, até que este os levara em seu destino final. Às 13:50, cinco *Skyhawk* argentinos avançaram sobre os navios britânicos, atingindo o *Sir Galahad* com três bombas e o *Sir Tristram* com duas: 51 soldados britânicos morreram e em torno de 150 ficaram feridos, muitos deles com graves queimaduras. Este ataque coincidiu com o de cinco aviões *Dagger* argentinos contra a fragata *HMS Plymouth* no lado norte do estreito de San Carlos. Um segundo ataque de *Skyhawks* perdeu três aviões ao ser interceptado por uma patrulha de Sea Harriers, embora pode afundar antes uma lancha de desembarque. Em seu avanço para a capital das ilhas, os ingleses sofreram seu maior revés nesse 8 de junho, quando o navio de transporte *Sir Galahad* foi destruído por aviões argentinos em Port Fitzroy.

7. A DERROTA ARGENTINA

Na Argentina, o movimento popular que ganhou as ruas no momento da ocupação era heterogêneo: os últimos setores que apoiavam a ditadura se manifestaram, mas também os setores que já lutavam contra ela organizaram campanhas de apoio aos soldados do Atlântico Sul. As Mães da Praça de Maio foram às ruas com cartazes. “As Malvinas são argentinas, os desaparecidos também”. Desse movimento não decorria naturalmente o “grande acordo”, de apoio a Galtieri, dos partidos burgueses, a burocracia sindical e o Partido Comunista. Delegações político - sindicais argentinas percorreram o mundo, expondo a “unidade nacional” em torno das Malvinas. No movimento operário havia grande confusão política: o interventor militar do sindicato dos ferroviários não chegou a falar de armar os operários para defender a pátria?

Era pura demagogia: o esquema da ocupação se baseava na suposta (e inexistente) neutralidade benevolente dos Estados Unidos. *Política Obrera* assinalou, então: “*Cualesquiera sean las derivaciones de la crisis internacional, como resultado de las contradicciones y alianzas entre yanquis e ingleses y entre la dictadura y ambos, la ocupación de las Malvinas no es parte de una política de liberación e independencia nacionales, sino un simulacro de soberanía nacional, porque se limita a lo territorial, mientras su contenido social sigue siendo proimperialista. La ocupación de las Malvinas es una acción distraccionista, de la que la dictadura pretende sacar réditos internos e internacionales.*”

Por eso sigue en pie la reivindicación de la democracia política irrestricta y una Asamblea Constituyente soberana”.



“Clarín” noticia a ocupação das ilhas, focando Galtieri como líder popular

A ocupação das ilhas adiou a crise da ditadura, mas ao preço de quebrar suas bases de apoio internacionais: Reagan já tinha levantado as sanções econômicas contra a Argentina, impostas pelo governo precedente de Jimmy Carter pela questão dos direitos humanos. Os Estados Unidos, claro, optariam finalmente por apoiar seu aliado da OTAN (a Inglaterra) contra seu agente do Cone Sul (a ditadura argentina) treinadora dos assassinos da América Central. Quando seu enviado Alexander Haig comunicou isto à ditadura, um setor dos políticos argentinos (o “liberal” Álvaro Alsogaray, o “desenvolvimentista” Arturo Frondizi, o radical Raúl Alfonsín) começou a criticar a ocupação.

Para Galtieri era tarde demais: retirar-se das ilhas sem combater equivaleria a expor-se à morte em praça pública. O comando militar manteve sua postura negociadora, não combativa, ao longo do conflito. Os bens do inimigo declarado, a Inglaterra — bancos, empresas, propriedades agrárias — não foram tocados (enquanto

as contas argentinas em todos os países da OTAN foram congeladas); não se hostilizaram as tropas inglesas que se aproximaram do alvo (enquanto elas afundaram o cruzador Belgrano, situado fora da zona de hostilidades, ou “zona de exclusão”, matando centenas de soldados argentinos); não se mobilizaram os recursos nacionais para a guerra.

Segundo o analista (psicanalista, essa versão contemporânea do padre confessor) de François Mitterrand, o presidente francês lhe contou que, durante a guerra das Malvinas, a primeira ministra britânica, Margaret Thatcher, ameaçou lançar um ataque nuclear contra a Argentina se a França não cedesse os códigos de desativação dos mísseis Exocet que França havia vendido à Argentina (“Que mulher mais terrível, esta Thatcher. Com seus quatro submarinos nucleares destacados no Atlântico Sul, ameaça lançar mísseis nucleares contra a Argentina, a menos que lhe proporcione com os códigos secretos que deixariam inúteis os mísseis que vendemos aos argentinos”). Dois anos depois da guerra, o Partido Trabalhista britânico inquiriu o governo Thatcher acerca de se o Reino Unido havia enviado um submarino à ilha de Ascensão como apoio para um ataque nuclear contra a cidade de Córdoba, em caso de a guerra ir mal (Thatcher, claro, negou tudo). Em 2003, o Reino Unido finalmente reconheceu que sua frota durante a guerra das Malvinas havia contado com cargas de profundidade nucleares.

Quando estourou a guerra, o Brasil, formalmente, declarou-se neutro. O Brasil forneceu à Argentina alguma ajuda material, até mesmo militar, com reposição de material bélico e aviões. Diante da opção dos EUA em não cumprir o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca e aliar-se à OTAN contra a Argentina, esfumaram-se ilusões ainda existentes em círculos militares brasileiros e, mais que isto, surgiu uma nova hipótese de guerra na Escola Superior de Guerra do Brasil. Ou seja, “um conflito envolvendo o Brasil e um país do Hemisfério Norte Ocidental, muito mais poderoso econômica e militarmente, devendo o Brasil contar com os seus próprios recursos”, segundo mencionou-se em um de seus textos. Na prática, porém, a ditadura de João Figueiredo não adotou nenhuma medida ou política real de apoio à Argentina (alinhando-se de fato com seu inimigo muito mais forte, em todos os sentidos) declarando que não tomaria nenhuma iniciativa contra o bloqueio comercial declarado pela CEE (Comunidade Econômica Europeia) contra Argentina, e não condenando sequer verbalmente o avanço da frota inglesa pelas águas do Atlântico Sul. Brasil, portanto, teve uma política de submissão à frente anglo-ianque.

Na época, circulou a versão (perfeitamente fundamentada) de que os EUA pretendiam instalar uma base militar nas Ilhas Malvinas para fechar a chave do Atlântico e controlar a rota do petróleo do Oriente Médio. A decisão de Cuba de oferecer tropas à Argentina para lutar contra o imperialismo em defesa das Malvinas, acrescentou um novo elemento na geopolítica do conflito. O general argentino Roberto Marcelo Levingston, ex ditador militar em 1971, chegou a propor, em matéria paga

nos jornais argentinos, a reversão das alianças internacionais historicamente tecidas pelo país, com o “bloco ocidental (anti-URSS)”, para aliar-se com a URSS e os países do Pacto de Varsóvia. O diplomata Nicanor Costa Méndez, representante da ditadura nas negociações na ONU e crítico histórico da inclusão argentina no Movimento de Países Não Alinhados, declarou que o conflito Argentina/Inglaterra era parte do conflito Norte/Sul (mas abstendo-se de chamar a um frente dos países do “Sul” contra o imperialismo).

O PC Argentino chamou à “unidade nacional” (com a ditadura) em torno da luta pelas Malvinas, saudando o “apoio incondicional” da URSS à Argentina. A sua palavra de ordem de “paz com soberania” ignorava que a única soberania possível era a que derivava da derrota política e militar das potências imperialistas.

Clarín, por sua vez, se perguntava as razões da “neutralidade” soviética no conflito. Na verdade, a URSS, membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, negou-se a vetar as resoluções desse organismo que exigiam a retirada imediata das tropas argentinas das Malvinas. Para além de alguma retórica (bem pobre, aliás) a posição da URSS foi, na prática, perfeitamente sintonizada com as posições das nações imperialistas. Sem falar na total ausência de qualquer mobilização impulsionada pelos PCs do mundo inteiro em favor da Argentina, nem sequer nos momentos álgidos da batalha nas ilhas. O PCA se alinhava com a ditadura e a burguesia argentina ao por como horizonte da luta pelas Malvinas a “luta contra o colonialismo”, apresentado como um anacronismo histórico e internacional, e não a luta *antiimperialista*, pois era o apoio do imperialismo mundial ao Reino Unido a chave para a vitória deste no conflito.

Em 11 de junho de 1982, na véspera da esperada derrota argentina, o Papa João Paulo II chegou a Buenos Aires para «orar pela paz». A diplomacia vaticana estava também tentando chegar a um cessar-fogo negociado. A aliança “ocidental e cristã” estava ficando demasiadamente danificada pelo conflito. No mesmo dia, ao anoitecer, as forças britânicas iniciaram o assalto final sobre Puerto Argentino. Os navios argentinos permaneciam ancorados no porto, sua aviação apenas existia, tendo perdido dezenas de aviões e pilotos; o material estava muito deteriorado pelas constantes operações, não havia mais mísseis Exocets; apenas algum avião de transporte conseguia ainda lançar um ou dois containers protegido pela noite. O bombardeio das posições argentinas a partir do mar, do ar e da terra era contínuo. Circulavam rumores sobre a eficácia e letalidade das tropas britânicas. Os soldados recrutas argentinos que ainda defendiam as Malvinas começavam, segundo testemunhos, a perder o moral.

O comando britânico considerou que um ataque diurno era demasiadamente perigoso, e decidiu avançar através dos montes que rodeiam a Puerto Argentino pela noite, para não incorrer na mesma falha ocorrida em Goose Green. Durante a noite

do dia 11 ao dia 12 de junho, os *Royal Marines* britânicos tomaram o monte Harriet, com fogo de artilharia pesada. Os soldados argentinos do Regimento 4º, no monte, receberam mil disparos procedentes de seis peças de artilharia. O monte foi capturado com a perda de dois fuzileiros navais britânicos e 24 feridos. Os montes Longdon e Dos Hermanas caíram também, porém não sem combate.

No morro Dos Hermanas a batalha durou mais de seis horas. Os fuzileiros navais ingleses do Batalhão de Comandos 45º perderam quatro homens e tiveram onze feridos. O capitão Ian Gardiner lembrou. “Um quadro duro de uns vinte argentinos havia permanecido por trás e havia lutado, e eram homens valentes. Os que ficaram e lutaram tinham algo”. Os soldados recrutas argentinos lutaram como leões. Segundo o general Julian Thompson, falando acerca do contra-ataque argentino no monte Longdon: “Em um determinado momento estive no ponto de retirar meus paraquedistas do monte Longdon. Não podíamos crer que esses adolescentes fantasiados de soldados estivessem nos causando tantas baixas”.

No dia 12 de junho de 1982, os soldados britânicos já controlavam a maior parte do monte Longdon, ao preço de treze mortos e 27 feridos da Companhia B do Batalhão 3º de Paraquedistas, e a resistência argentina continuava. Os argentinos sobreviventes das 1ª, 2ª e 3ª seções combateram até esgotar a munição. Segundo Julia Solana Pacheco, seis soldados argentinos do Regimento 7º (os recrutas Ramón Quintana, Donato Gramisci, Aldo Ferreyra, Enrique Mosconi, Alberto Petrucelli e Julio Maidana), feridos e feitos prisioneiros, foram fuzilados ou esfaqueados pelos paraquedistas britânicos no monte Longdon. O ex paraquedista britânico Vincent Bramley denunciou o fuzilamento de argentinos no monte Longdon. Durante essa noite morreriam os três únicos civis caídos no conflito, três mulheres *kelpers* de Puerto Argentino, cuja casa foi atingida por um obus britânico. Ao amanhecer do dia 12, a capital malvinense estava à vista das tropas britânicas.

A carência de munição e meios de todo tipo dos argentinos era crítica, a improvisação supriu sua falta. Os argentinos montaram um míssil Exocet sobre uma precária construção terrestre e desenvolveram durante semanas a engenharia reversa necessária para fazê-lo operacional. O sistema foi chamado humoristicamente “ITB”, sigla de “*Instalación de Tiro Berreta*” (*berreta* significa “de péssima qualidade”, em gíria argentina). Às 3:00 do dia 12 de junho o míssil foi disparado com resultado eficaz. O míssil atingiu o navio *County HMS Glamorgan* por trás, no hangar de helicópteros, destruindo um helicóptero Wessex, matando treze homens e provocando um forte incêndio.

Um sentimento de histeria surgiu no almirantado inglês. Era uma aplicação improvisada de uma arma letal que inutilizara o *HMS Glamorgan* em uma ação inédita. A ação contra o *Glamorgan* deteve o ataque terrestre britânico durante todo o dia 12, pois

o apoio desde o mar ficou impedido. O assalto britânico demorava ante a desesperada resistência argentina. Um infernal dilúvio de balas se abateu sobre o Regimento 7º, que seria a unidade com mais baixas da guerra: 36 mortos e 152 feridos. As bocas de fogo da artilharia britânica esmagaram constantemente as posições argentinas com um intenso e preciso fogo: «Durante as doze últimas horas de luta, descarregaram seis mil tiros de artilharia», informam Max Hastings e Simon Jenkins.

As companhias do tenente coronel Omar Gimenez se desmoronaram; seus homens e os paraquedistas que os acompanhavam fugiram até Moody Brook. Um soldado argentino relatou. “Quando vimos a bandeira branca estendida no mastro, a maioria ficou chorando”. O comandante das Guardas Escocesa e Galesa declarou: “Não há dúvida de que os homens que nos opuseram eram soldados tenazes e competentes, e muitos foram mortos em seus postos”.

Quando os britânicos decidiram o avanço final, não encontraram mais resistência. Segundo uma fonte inglesa, era “o resultado de quatro dias de operações psicológicas executadas pelo coronel Mike Rose, do SAS, e o capitão Rod Bell, tradutor. Estavam desde o dia 10 falando com [Mario Benjamín] Menéndez pelo rádio, ganhando sua confiança e insistindo a rendição «com dignidade e honra». O 2º PARA entrou nos arredores de Puerto Argentino com suas boinas em vez dos casacos de combate e tremulando bandeiras britânicas. No dia 13, o comandante das forças britânicas Jeremy Moore chegou de helicóptero a Puerto Argentino e conversou com Menéndez. Quando o primeiro mostrou ao segundo os documentos de rendição, Menéndez declarou de imediato a palavra «incondicional». Não era isso o acordado durante as conversações secretas de rádio dos dias anteriores”. Eis o retrato de um covarde dos pés até a cabeça.

O general Mario Benjamín Menéndez se rendeu ao general Jeremy J. Moore às 23:59 do dia 14 de junho de 1982, sendo testemunha o coronel Pennicott. Os oito mil soldados argentinos remanescentes foram desarmados e concentrados no aeroporto na qualidade de prisioneiros de guerra. No dia 15 de junho de 1982, a bandeira colonial britânica foi içada novamente no edifício do governo das ilhas. O restante das unidades argentinas presentes no arquipélago entregaram suas armas. No dia 20, cinco navios britânicos se apresentaram nas ilhas Sandwich do Sul e a guarnição argentina de Thule se rendeu sem luta. Houve relatos de atrocidades cometidas pelos britânicos contra prisioneiros argentinos, mas todos os prisioneiros foram repatriados durante o mês seguinte. Alfredo Astiz, o criminoso oficial argentino, teve sua extradição reclamada pela Suécia e a França enquanto se encontrava preso em Londres: o governo conservador britânico, inimigo da Argentina, mas solidário com o genocídio praticado pela ditadura militar, recusou a medida e o devolveu a Buenos Aires. Tempos depois, a besta genocida retomaria mando de tropas em Puerto Belgrano, posto no qual permaneceria durante a renascida “democracia argentina”.



Prisioneiros argentinos nas Malvinas

No Reino Unido, a vitória tirou o governo de Margaret Thatcher do atoleiro em que se encontrava por suas duras políticas sociais e sua guerra contra os sindicatos. Para Hugo Young, “na história política de Margaret Thatcher a guerra representou um papel de vitória incondicional. Concluída em uma grande vitória, a 13 mil quilômetros do país, determinou que sua posição fosse inatacável, tanto no partido como na nação. Garantiu-lhe o que antes não estava garantido. um segundo mandato no governo”. A importância deste fato foi decisiva, na Europa e no mundo.

Thatcher ganhou as eleições britânicas de finais de 1982 com a mais ampla maioria que havia tido um candidato desde 1935. Isto lhe permitiu enfrentar com total força política os sindicatos e os conflitos grevistas, culminando com a violenta e espetacular derrota da greve mineira de 1984-1985. No mesmo ano, lhe deu autoridade internacional para dar o primeiro sinal verde do mundo capitalista à *perestroika* de Mikhail Gorbatchev. Começava a “era de ouro” do neoliberalismo, e Margaret Thatcher conseguiu continuar no poder até 1990. Internacionalmente, a guerra das Malvinas reforçou a «relação especial» entre os Estados Unidos e o Reino Unido, dando lugar a um “atlantismo extremo”, um elemento de importância decisiva na pressão contra a URSS, que culminou com a dissolução desta em 1991, assim como na reversão das tendências políticas mundiais prevalentes desde 1968 (maio francês, derrota norte-americana no Vietnã, ascensão da revolução política no campo dominado pela burocracia do Kremlin). O destino da Argentina e, em boa parte, da América Latina

e do mundo, tinha se jogado, nas piores condições imagináveis para os oprimidos, nas geladas águas e terras do extremo Atlântico Sul.

8. AS RAZÕES DA DERROTA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A guerra das Malvinas foi o primeiro conflito aeronaval moderno em que se enfrentaram armas de alta tecnologia, com boa vantagem para as forças britânicas. Isso só não explica a rápida vitória da frota inglesa. Outro fator foi o apoio logístico (espionagem via satélite incluída) que recebeu dos Estados Unidos e da OTAN, o que lhe conferiu vantagem militar estratégica. Sem esquecer a excepcional covardia de alguns militares argentinos: Alfredo Astiz e Luis Lagos entregaram as Ilhas Georgias sem disparar um tiro; o general Mario Benjamin Menéndez, governador designado das Malvinas, depois das fanfarrônicas iniciais (“*manden el principito*”), entregou as Malvinas ao primeiro indício de ameaça ao seu *bunker*.

As perdas de material militar foram as que seguem:

- Argentina 1 cruzador 1	- Reino Unido 2 destróieres 2
submarino 4 cargueiros 2	fragatas 2 navios logísticos de
barcos patrulha 1 traineira	desembarque 1 navio porta-
para espionagem ----- 25	containers ----- 24 helicópteros
helicópteros 35 caças 2	10 caças
bombardeiros 4 aviões de	
carga 25 aviões de ataque	
ligeiro 9 traineiras armadas	

As perdas militares foram maiores para o lado argentino, assim como o número de baixas humanas (650, para 255 ingleses; 1068 x 777, no número de feridos). O material militar, o preparo das tropas, a logística, eram muito superiores do lado britânico. As forças militares argentinas praticamente esgotaram seu material; as forças britânicas estiveram muito longe disso, e podiam contar (aliados e apoios mediante) com um suprimento quase infinito. O material avançado de guerra argentino provinha exatamente dos países aliados do Reino Unido. O fator decisivo foi a condução da guerra, tanto no campo direto de operações como no campo político mais amplo.

Um dos crimes maiores da ditadura foi conduzir a guerra de maneira tão limitada que os EUA, o grande suporte do Reino Unido, nunca chegaram a temer que se pudesse produzir uma expropriação de suas propriedades na Argentina, ou uma reversão das alianças internacionais desta, contra os EUA. Com esta política, Argentina nunca pôde explorar as divergências reais que existiam entre Inglaterra e os EUA (obrigados a reconhecer, formalmente, o direito à soberania argentina sobre as ilhas). Inglaterra montou um dispositivo de guerra total, para desenvolver um esforço bélico sem interrupções e para enfrentar batalhas em frentes territoriais mais amplos.

Argentina se limitou a proteger (mal) a ocupação das ilhas, restringiu o campo do enfrentamento, e continuou pagando, durante o conflito, os juros da dívida externa, parcialmente repassados pelas outras potências... ao Reino Unido, com o que Argentina, conduzida pela ditadura, contribuía com o esforço bélico... inglês. Ameaçou pedir ajuda à URSS, mas não o fez. A diplomacia argentina chegou a falar de uma OEELA (Organização dos Estados Latino-americanos) para substituir à OEA, mas não avançou um passo para concretizar a oferta de apoio militar de Cuba e da Nicarágua sandinista, de Peru e da Venezuela. *Política Obrera* concluiu que “o que se coloca é pôr a nu que na base da derrota se encontra a submissão doutrinária, estratégica, logística e política das Forças Armadas argentinas ao imperialismo”.

Foi uma política, determinada pelos limites históricos de uma classe social (a burguesia argentina) e suas instituições, inclusive as armadas. A derrota não foi produto de uma “ignorância” das regras da geopolítica internacional e até das regras militares, como pretendeu o célebre historiador argentino José Luis Romero. A ignorância, certamente, existia, mas não era causa, senão consequência, da formação histórica de uma classe (burguesa) e de uma casta (militar), em condições limítrofes de crise nacional e internacional. O conflito político/militar pelas Malvinas lhes deu uma chance, e submeteu-os a um exame, históricos, do qual saíram reprovados para sempre. A substituição da burguesia argentina, e de sua burocracia civil e militar, na condução da nação, foi a tarefa histórica que a derrota de Malvinas deixou colocada para o país.

Os altos oficiais argentinos gastaram mais tempo, durante o conflito, em proteger-se (e em vender aos soldados as doações efetuadas pela população) do que na preparação da defesa militar do país. Recrutados e muitos suboficiais combateram com valentia e, em alguns casos, realizaram verdadeiras façanhas, como as improvisações para usar os mísseis Exocet. Centenas de soldados foram mortos, enquanto seus chefes procuravam uma saída em acordo com os EUA e a Inglaterra. A onda de indignação popular que se seguiu à capitulação de 16 de junho quase provocou a queda revolucionária da ditadura. A substituição imediata de Galtieri e do alto comando, e um novo “grande acordo” entre seu sucessor Reinaldo Bignone e os partidos, baseado na convocatória a eleições para outubro de 1983, firmaram uma linha de contenção política.

O Vaticano já se havia feito presente, na figura do próprio Papa João Paulo II, que viajou às pressas à Argentina para “acalmar os ânimos”. E também para levar uma proposta de acordo com Chile a respeito do conflito de limites no Canal de Beagle, que os militares argentinos, com suas pretensões nacionalistas reduzidas a zero, pretendiam levar a plebiscito antes da transferência do governo aos civis, e antes que se evidenciasse a colaboração da ditadura de Pinochet com o Reino Unido durante a guerra. Fracassado esse projeto, a batata quente ficou nas mãos do futuro governo civil, que se livraria dela através de seu chanceler, o *scholar* Dante Caputo, herdeiro e executor da proposta papal.

Apesar deste esforço máximo de manipulação da população, a indignação continuou. Surgiram grupos organizados de ex-combatentes das Malvinas (um plano de emprego, não efetivado, foi anunciado). A crise econômica levou os prejudicados de todas as classes sociais a se manifestar contra a ditadura, inclusive setores que se caracterizaram pela passividade política na época do “dólar barato” (a *plata dulce*) de Martínez de Hoz. A ditadura tinha que acabar. Leopoldo Galtieri caiu e teve que renunciar a presidência três dias após a derrota, sendo substituído por Alfredo Oscar Saint-Jean, que por sua vez foi suplantado duas semanas depois por Reynaldo Bignone. A Junta Militar estava ferida de morte.

O movimento operário carecia da organização política capaz de unificá-lo para orientar o protesto popular (a repressão sofrida na década precedente era um fator essencial dessa carência). O ponto máximo do protesto foi canalizado pela “Multipartidária” numa enorme manifestação (300 mil pessoas), “*la Marcha del Pueblo*”, a 16 de dezembro de 1982. Os líderes políticos se imitaram a depositar flores, em homenagem aos soldados mortos, na Praça de Maio, retirando-se depois apressadamente. A Multipartidária já não mais era canal de protesto limitado das classes oprimidas pela política da ditadura, mas alternativa de mudança política do próprio imperialismo diante da crise terminal da mesma ditadura.

Violentos combates explodiram entre a polícia e os que manifestavam pela derrubada da ditadura (um operário, Dalmiro Flores, foi morto pela repressão), mas essa vontade diluiu-se sem perspectivas, por estar órfã de alternativa política própria. A Multipartidária fora criada para pressionar e negociar a saída institucional. Em agosto de 1982 se aprovou o estatuto dos partidos políticos. O proletariado carecia da presença própria (os sindicatos evitaram organizar colunas próprias nas grandes manifestações populares). Superado esse ponto, os partidos puderam consagrar o ano de 1983 à campanha eleitoral.

A desmoralização nacional deixou o verdadeiro vencedor das Malvinas — os EUA — como árbitro da política argentina. Sua ingerência determinou mais ou menos diretamente os ritmos da sucessão política. As candidaturas dos partidos majoritários (UCR e peronismo) se notabilizaram pela ausência de posturas anti-imperialistas, em especial na questão da dívida externa. A falta de estruturação política do operariado agravou-se com o enfraquecimento econômico. O desemprego conspirou contra o uso da arma da greve, limitando-o a manifestações e passeatas setoriais. A pressão grevista só aumentou nas vésperas das eleições: movimentos que abarcaram dois milhões de trabalhadores destruíram um “pacto social” da ditadura, a burocracia sindical e os bispos católicos. A burocracia sindical, dividida durante toda a ditadura, unificou-se na CGT novamente legalizada, o que lhe garantiu um melhor controle da situação de crise e de radicalização operária.

Por trás da vitória eleitoral do candidato da UCR, Raúl Alfonsín (com 52% dos votos para presidente), nas eleições de outubro de 1983, se encontraram vários fatores: a precipitada retirada dos militares após o desastre das Malvinas; a decadência do peronismo, derrotado eleitoralmente pela primeira vez (inclusive nos bairros de Buenos Aires que eram seu bastião). A vitória “alfonsinista” de 1983 não pode ser comparada às vitórias eleitorais radicais (UCR) de Arturo Illia (1963) ou de Arturo Frondizi (1958), porque foi obtida em confronto direto com o peronismo (proscrito nas eleições citadas), ganhando, portanto, uma “legitimidade política” ausente naquelas.

Um fato político novo acontecia na Argentina: a crise dos dois grandes atores políticos (o peronismo, sustentado pelos sindicatos, e o “Partido Militar”) dera margem para um novo reagrupamento político das classes. O proletariado organizado e classista ameaçara ser o “terceiro em discórdia” da política argentina no período 1969-1976. A sua derrota e enfraquecimento no processo ulterior, fizeram com que a crise da velha ordem política fosse capitalizada pela pequena-burguesia democrática, que liderou as manifestações contra o regime militar no período pós-Malvinas, e se alinhou massivamente no “alfonsinismo”.

Com essa base social, a vitória de Alfonsín refletiu seu sucesso em duas frentes de manobra: 1) A vitória interna na UCR, viabilizando sua candidatura através de uma campanha “externa”, mas também com concessões a setores internos (a “Linha Córdoba” do candidato à vicepresidência Victor Martinez), 2) A aceitação da sua candidatura pelos EUA, que já vinham tomando nota de sua atitude desde maio de 1982, quando se demarcou (junto aos “desenvolvimentistas” de Frondizi e à direita liberal de Alsogaray) da ocupação das Malvinas, e não só do governo que a efetuava.

As afirmações de fé democrática de Alfonsín nas eleições bastaram para polarizá-las em seu favor contra um peronismo hegemônico pela burocracia sindical e pelos bandos fascistas. A fatura dos EUA, grossa, veio logo com o programa do FMI, que impôs uma renegociação praticamente mensal da dívida (a dívida externa per capita argentina era a maior do mundo) para controlar rigorosamente a política governamental. Em julho de 1984, o governo dos Estados Unidos se felicitava. “o programa econômico do governo argentino é realista, extremamente severo, e o melhor que se pode esperar neste momento”.

A política democratizante, impulsionada diretamente pelos EUA, surgiu no bojo dos problemas criados pelo conjunto da crise política latino-americana⁷. Ela foi parida pelo governo Reagan (1980-1988), surgido com o objetivo explícito de inverter as tendências políticas internacionais, caracterizadas pelo retrocesso mundial do

⁷ Para um resumo, ver: Kevin J. Middlebrook e Carlos Rico. *The United States and Latin America in the 1980s. Contending perspectives of a decade of crisis*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1986.

imperialismo norte-americano, depois das derrotas nas guerras do Vietnã e do sudeste asiático (1972-1975). A política democratizante visava resolver a contradição entre a necessidade de uma política mais intervencionista (determinada pela própria crise) e a necessidade de manobras políticas, determinada pelo fato do imperialismo e a burguesia não estarem diante de uma perspectiva de estabilização econômica, que permitisse o uso de métodos de guerra civil contra as massas; tudo no quadro de uma tendência ascendente do movimento operário e popular latinoamericano.

O democratismo pró-imperialista visou capitalizar, com vistas a esse objetivo, o entrelaçamento inédito das burguesias nacionais com o capital financeiro internacional (produto da recolonização econômica desenvolvida no segundo pós-guerra, com sua expressão na dívida externa latino-americana), a crise da burocracia russa e de sua política mundial crescentemente subordinada ao imperialismo (que levaria ao fim da URSS em 1991), e a ausência de independência política revolucionária do proletariado e das massas latinoamericanas. Passou a ter um papel decisivo a pequena-burguesia democratizante “de esquerda”, dominante na esquerda latino-americana, cujas posições políticas foram o reflexo tardio do longo *boom* econômico de pós-guerra, combinado com o efeito das derrotas da esquerda e da guerrilha na década de 1970.

As transições políticas, passagens de regimes militares para regimes democratizantes, resultaram, portanto, da iniciativa política do imperialismo combinada com a crise de dominação política das burguesias latino-americanas, expressa na crise das ditaduras, da qual a crise argentina foi a mais espetacular⁸. No caso do Chile, até o empresariado pinochetista considerou mais favorável votar *não* no último plebiscito pró-ditatorial convocado por Pinochet. Como afirmou um documento oficial dos EUA, à época. “O autoritarismo de extrema direita tem sido assim importante fator que contribuiu para uma nova e crescente ameaça à democracia na América Latina: a ameaça do totalitarismo comunista... O apoio à democracia, a própria essência da sociedade americana, está se tornando o novo princípio em torno do qual se organiza a política externa norte-americana. O apoio à democracia promove os interesses dos Estados Unidos de várias formas importantes. A democracia ajuda a garantir a segurança dos Estados Unidos. Os governos democráticos, precisamente porque devem ser sensíveis aos desejos dos seus povos, tendem a serem bons vizinhos. A competição política aberta e regular diminui a polarização e as extremas oscilações do pêndulo (como aconteceu no Chile, em Cuba e na Nicarágua) e torna as nações mais resistentes à subversão. Os governos democráticos são mais confiáveis como signatários de acordos e tratados porque

⁸ Não é este o ponto de vista defendido pela maioria dos autores. cf/ Guillermo O’Donnel, Philippe Schmitter e Laurence Whitehead. *Transitions from Authoritarian Rule*. Latin America. Baltimore, The Woodrow Wilson International Center, 1986; ou: Alain Rouquié, Bolivar Lamounier e Jorge Schvarzer. *Como Renascem as Democracias*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

seus atos são sujeitos ao exame do público. A democracia também favorece importantes interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos” (grifo nosso).⁹

O cumprimento dos acordos e o respeito dos contratos celebrados era decisivo para os EUA, haja vista das dimensões atingidas pela dívida externa, o que determinaria a ulterior política econômica privatizante das “democracias” latino-americanas. Basta pensar no exemplo da Argentina que, entre 1976 e 1983, período da ditadura militar, drenou muito do excedente de capital existente no mundo, incrementando seu endividamento em 364%. A mudança de regimes militares para regimes civis não significou verdadeiramente a implantação de uma democracia política, mas uma fachada constitucional para um conjunto de instituições que tinham sua origem nas ditaduras militares. Os compromissos internacionais, eixo do processo de exploração internacional da América Latina, foram todos respeitados pelas democracias, em especial o pagamento da dívida externa.

A continuidade institucional dos regimes democratizantes com os regimes militares foi clara no Brasil, onde os militares garantiram sua participação direta no governo civil através dos “ministérios militares”; no Chile, a oposição (incluindo o PC e o PS) aceitou governar na base de Constituição pinochetista de 1980 e garantir oito anos de mando de tropa para os comandantes pinochetistas; no Peru, a Constituinte legislou sob o governo militar de Morales Bermúdez; no Uruguai, a transição política baseou-se no Pacto do Clube Naval, que garantiu a impunidade militar, reforçada em plebiscito; na Argentina, as crises militares foram aproveitadas pelos “democratas” radicais, peronistas e liberais para institucionalizar o poder militar no Conselho de Segurança Nacional, e para inocentar os militares genocidas através das leis de “ponto final” e da “obediência devida”; na Guatemala, em El Salvador, os governos democráticos não passaram de marionetes do general golpista guatemalteco Ríos Montt, ou do chefe dos “esquadrões” salvadorenses Major D’Abuisson- no Paraguai, o governo “civil” sequer transcendeu os limites familiares, pois o general Andrés Rodríguez era genro do ditador Stroessner, ao qual substituiu.

Na Argentina da “democracia” alfonsinista, os auto – intitulados “heróis das Malvinas”, encabeçados pelo coronel Mohamed Alí Seineldin e o major Aldo Rico, realizaram o “levantamento de Semana Santa” em 1985, o movimento dos “caras pintadas”, mal interpretado como tentativa de derrubada militar de Alfonsín. Foi, na verdade, um movimento de um setor dos oficiais da ativa (essencialmente bem sucedido, embora concluísse com a temporária prisão de seus responsáveis) para pressionar e determinar o rumo do governo civil no que dizia respeito ao estabelecimento das responsabilidades dos altos mandos militares no genocídio de 1976-1983, submetidas

⁹ Departamento de Estado dos EUA/Bureau de Assuntos Públicos. Democracia na América Latina e no Caribe. A promessa e o desafio. *Relatório Especial* n. 158, Washington DC, março 1987.

a julgamento em tribunal civil. Dessa pressão armada resultaram os decretos de “ponto final” (dos testemunhos das vítimas no julgamento) e de “obediência devida” (que inocentaram praticamente todo o oficialato das Forças Armadas) ditados pelo governo Alfonsín, completados na década de 1990 pelas leis de indulto ditadas pelo governo Menem, anulando as condenações já ditadas contra os membros das Juntas Militares, declarados culpados por uma parte insignificante dos inúmeros crimes cometidos durante o período militar. Foram necessários anos de pressões (nacionais e internacionais) para que se reabrissem processos destinados a julgar parte dos crimes mais atrozes dos oficiais genocidas, aqueles declarados imprescritíveis (como o roubo e venda de bebês de pais “desaparecidos”, isto é, assassinados).

Além da continuidade institucional com o autoritarismo militar, a política democratizante não foi o contrário do intervencionismo militar. Foram os democratas bolivianos que admitiram a intervenção das tropas ianques, sob pretexto de combate ao tráfico de drogas; o mesmo pretexto foi usado para o bloqueio naval da Colômbia (e para o ulterior “Plano Colômbia”, depois “Plano Patriota”); foi reforçado o cerco militar sobre Cuba, e invadida a ilha de Granada; foi militarizada toda a América Central, através da “contra” nicaraguense, do envio de tropas a Honduras e El Salvador e, caso extremo mas exemplar, foi invadida Panamá...para impor um governo “democrático”, resultante de “eleições”. Definiu-se a política dos EUA, então, como “Guerra (ou Conflito) de Baixa Intensidade” (GBI), o que foi unilateral, toda vez que a política ianque consistiu em combinar a manobra democratizante com o velho *big stick*.

Em 1985, o governo britânico concedeu aos habitantes o direito a autodeterminação; tendo em conta que estes querem ser britânicos em sua imensa maioria, não pareceu que isso significasse grande coisa. Em 1990, sob o governo do peronista Carlos Saul Menem, se restabeleceram as relações diplomáticas entre Argentina e Inglaterra. Em 1999, foi retirada do aeroporto de Buenos Aires a placa «*Las Malvinas son Nuestras*». Voltaram também a realizarse os voos regulares entre a Argentina e Puerto Argentino/Port Stanley. Em 2001, o Primeiro Ministro britânico Tony Blair visitou oficialmente a Argentina. No caso das informações classificadas nas mãos do Estado britânico acerca da guerra das Malvinas, uma vez finalizado o conflito, o governo desse país decretou que sua publicação somente poderia realizar-se no ano 2082. Altura em que, provavelmente, até os netos dos responsáveis pelas atrocidades cometidas pelas tropas inglesas durante a guerra, e pelas propostas de uso de força nuclear contra cidades da Argentina, estarão seis palmos em baixo da terra.

9. POLÍTICA ANTIIMPERIALISTA E DEMAGOGIA NACIONALISTA

A guerra das Malvinas, com a derrota da nação latino-americana e a vitória do imperialismo, determinou em grande parte a forma que adotaria a inevitável crise

das ditaduras da América do Sul, evoluindo para uma democracia imperialista em vez de uma democracia revolucionária em ruptura com o imperialismo e seu aparelho político-militar.

Grã-Bretanha, de posse das Malvinas trinta anos depois da guerra, precisa agora de um acesso ao território continental por necessidades de logística e segurança internacional. Está buscando por isso um acordo com a Argentina sobre a exploração do petróleo, como condição para iniciar discussões sobre a soberania. As ameaças de cada lado podem influenciar nas negociações, que poderiam iniciar-se a pedido do governo norte-americano. O bloqueio aéreo às Malvinas (que isolaria o arquipélago tanto de locomoção como abastecimento de produtos), que a Argentina alegou ter obtido dos países do Mercosul, é uma ficção, porque não afeta os navios fretados pela Inglaterra. O abastecimento das Malvinas se realiza, basicamente, direto de Londres.

A presença militar britânica no Atlântico Sul foi criticada pelos governos da região. A Unasul (União de Nações Sul-americanas) expressou seu rechaço contra o deslocamento da fragata inglesa *Montrose* para o Atlântico Sul por um período de seis meses e advertiu que essa medida “é contrária à política da região de defesa da busca de uma solução pacífica do conflito” entre o Reino Unido e a Argentina. Houve também pronunciamentos das cúpulas de presidentes dos estados membros do Mercosul, da Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac) e da Cúpula Ibero-americana. Também se manifestaram a favor da retomada das negociações a Cúpula de Países Sul-americanos e Países Árabes (ASPA), a Cúpula de Países Sul-americanos e Africanos (ASA) e o Grupo dos 77, mais China. Chile decidiu também “não reconhecer” navios com bandeira das Malvinas.

Mas, quanto à propalada solidariedade sul-americana com a Argentina, vale a constatação de Marcelo Ramal. *“La cumbre del Mercosur resolvió que los barcos ingleses rumbo a Malvinas no pudieran recalar en los puertos de la región. Los diarios oficialistas de Argentina celebraron la “victoria diplomática” de Cristina [Kirchner]. Pero el fervor se desinfló cuando un buque con bandera británica, efectivos militares y el antecedente inmediato de haber localizado petróleo en el Mar del Norte, recaló en el puerto de Montevideo, sin que el gobierno de Mujica hiciera la menor objeción. Enseguida, los funcionarios uruguayos aclararon que el acuerdo de los “hermanos del Mercosur” sólo impedía el paso de buques si éstos ostentaban bandera malvinense. En cambio, no existía ninguna restricción para los de bandera británica. La victoria diplomática resultó una farsa”*.

A LAN, principal empresa aérea chilena, realiza atualmente voos semanais às Ilhas Malvinas, e é empresa privada. A Argentina poderia bloquear os voos da LAN impedindo sua passagem pelo espaço aéreo argentino. Mas não existe nenhuma possibilidade de conflito armado, porque as forças armadas argentinas tampouco têm

condições de levá-lo adiante. O governo de Cristina Kirchner anunciou que liberaria o Relatório Rattenbach – uma investigação sobre a guerra que foi mantida em segredo desde 1982 – que culpa as forças armadas argentinas por graves erros de conduta militar. O Relatório Rattenbach, considerado segredo militar, pedia a condena os responsáveis pela guerra a penas de prisão perpétua e de morte.

A Argentina reclamou “negociações diplomáticas”, ou seja, concessões recíprocas, que contemplem uma transferência certa de soberania sem que importe o prazo e a segurança jurídica e política para os investimentos dos grandes monopólios petroleiros do Atlântico Sul. O grupo siderúrgico Tenaris, que domina o mercado de tubos e canos sem costura para a indústria petroleira, se beneficiaria dos acordos. O mundo está passando por uma fase de guerras internacionais crescentes, que alteram o mapa político, incluindo a possibilidade de revoluções sociais vitoriosas. A questão Malvinas não pode ser separada desse contexto, como tampouco foi em 1982. A presença do destróier *HMS Dauntless*, um dos mais modernos e potentes porta-aviões da marinha real, e de um submarino nuclear carregado com os potentes mísseis Tomahawk, constitui ameaça objetiva a todos os países da região¹⁰. Enquanto isso, o Brasil recebeu o príncipe Charles e o príncipe Harry para, alternadamente, percorrerem filantropicamente favelas cariocas, ou jogar polo com a elite tupiniquim...

As estimativas sobre o petróleo malvinense variam bastante, mas convergem em apontar que Malvinas seria a quinta potência petroleira das três Américas, com uma produção potencial de 10% do petróleo cru dos continentes americanos, incluídas as fabulosas reservas venezuelanas do Orinoco. América do Sul se perfila assim como um novo cenário da disputa mundial pelos recursos naturais que envolve às potências mundiais tanto quanto aos países oprimidos. Um novo conflito explícito pelas Malvinas não poderá se restringir ao âmbito limitado de uma região do Atlântico Sul, ou a uma reivindicação territorial de um país só, mas deverá implicar um cenário continental. Nesse cenário ampliado a disputa seria, em primeiro lugar, política e social, e só em segundo lugar, se necessário, também militar. Aos oprimidos e à classe operária da América Latina caberá dizer a última palavra.

CRONOLOGIA DA CRISE E DA GUERRA

- 2 de abril - Tropas argentinas invadem as Ilhas Malvinas sob ordens do general Leopoldo Galtieri.

¹⁰ Segundo Alejandro Rebossio. “*La Marina británica está estrenando seis nuevos destructores tipo 45, que cuentan con un sistema de navegación difícil de detectar por radares y misiles antiaéreos. El primero de ellos lo envió al golfo Pérsico, en coincidencia con la amenaza de Irán de bloquear el estrecho de Ormuz. El segundo irá a las Malvinas, en tiempos en que recrudece la tensión diplomática con Argentina. Sin embargo, el Ministerio de Defensa británico ha querido aclarar que el envío del destructor HMS Dauntless “se ha planeado por largo tiempo, es enteramente rutinario y reemplaza otro buque que realiza labores de patrullaje”. El barco sustituido, el Montrose, es menos sofisticado, tipo 23, y lleva años en el archipiélago*”.

- 3 de abril – O general Mario Benjamin Menéndez é nomeado Governador Militar das Ilhas Malvinas. O Conselho da Segurança da ONU aprova a Resolução 502 por 10 votos a 1 (com 4 abstenções) que exige a retirada argentina das ilhas e o início das negociações. Inglaterra manda tropas para as ilhas (*Task Force*).
- 4 de abril - Tropas argentinas ocupam Goose Green e Darwin.
- 5 de abril - Peru declara sua posição em favor da Argentina.
- 7 de abril - Reagan aprova a missão da paz de Haig.
- 8 de abril - Argentina inicia uma ponte aérea sobre as ilhas Malvinas.
- 11 de abril - Papa João Paulo II exorta ambos os países a evitar a guerra.
- 22 de abril - Navios de guerra britânicos chegam às ilhas.
- 25 de abril - Primeira-ministra Margaret Thatcher conclama Inglaterra a celebrar retomada da ilha de Geórgia do Sul por forças britânicas. O tenente de navio Alfredo Astiz firma a rendição argentina da zona.
- 1 de maio - Aviões britânicos atacam o campo de aviação argentina em Port Stanley/ Puerto Argentino.
- 3 de maio - Submarino britânico HMS Conqueror ataca cruzador General Belgrano e mata 323 argentinos.
- 4 de maio - Míssil argentino atinge o destróier HMS Sheffield e mata 22 britânicos.
- 5 de maio - Argentina condena o apoio dos Estados Unidos à Grã-Bretanha.
- 11 de maio – O navio *Isla de los Estados* é afundado pelo HMS Alacity.
- 12 de maio - São enviados às ilhas 3 mil soldados ingleses.
- 14 de maio - 11 aviões argentinos são destruídos na terra por um ataque inglês nas ilhas.
- 15 de maio - Barcos ingleses bombardeiam Puerto Calderón, destruindo dez aviões.
- 16 de maio - A Ilha Soledad é bombardeada pelos britânicos.
- 20 de maio - Fracassam negociações de paz da ONU.
- 21 de maio - Ataque a navio britânico HMS Ardent mata 22.
- 23 de maio - HMS Antelope é atacado e afundado.
- 24 de maio - Sete aeronaves argentinas são destruídas.
- 25 de maio - Destróier britânico HMS Coventry bombardeia com 20 mortes.
- 28 de maio - Confrontos pelo controle de Goose Green causam a morte de 150 argentinos e 18 britânicos.
- 8 de junho - Pelo menos 200 britânicos morrem em bombardeio contra navios Sir Galahad e Sir Tristram.

- 11 de junho - Papa João Paulo II chega à Argentina a reclamar o fim das hostilidades.
- 13 de junho Batalha de Tumbledown, Wireless Ridge e Mount William.
- 14 de junho - Forças britânicas ocupam Port Stanley. O general Mario Benjamín Menéndez se rende ao general de divisão Jeremy Moore. Fim da guerra das Malvinas.
- 17 de junho – O general Galtieri renuncia à presidência da Argentina.
- 19 de junho – O Reino Unido anuncia que 11.845 soldados argentinos foram capturados.
- 20 de junho - Decretado o fim da guerra.
- 24 de junho – Margareth Thatcher visita Reagan em Washington.

BIBLIOGRAFIA

- ¿Colonialismo o imperialismo? , *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982. ¿Porqué Moscú es neutral? *Clarín*, Buenos Aires, 6 de abril de 1992. ALDOUS, Richard. Malvinas e a relação não tão especial de Reagan e Thatcher. *O Estado de S. Paulo/The New York Times*, 4 de março de 2012.
- ALDRICH, Robert; CONNELL, John. *The Last Colonies*. Nova York - Londres, Cambridge University Press, 1998.
- ALMEIDA, Juan Lucio. Antonio Rivero, el gaucho de las Malvinas. *Todo es Historia* n° 20, Buenos Aires, 1966.
- ALMEIDA, Juan Lucio. *Qué Hizo el Gaucho Rivero en Malvinas*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1972.
- ALTAMIRA, Jorge. Entrevista sobre Malvinas. *Jornal do Sedufsm*, Santa Maria, fevereiro de 2012.
- ALTAMIRA, Jorge. Malvinas, un asunto fiscal, *Prensa Obrera* n° 1120, Buenos Aires, 2 de fevereiro de 2012.
- ALTAMIRA, Jorge. Repensando Malvinas. *Prensa Obrera* n° 1213, Buenos Aires, 8 de março de 2012
- ALTAMIRA, Jorge. Un relato pseudoliberal sobre Malvinas. *Prensa Obrera* n° 1212, Buenos Aires, 1° de março de 2012.
- AMATO, Alberto. El helicóptero inglés que cayó en Chile, *Clarín*, Buenos Aires, 21 de maio de 2007.
- AMATO, Alberto. El informe Rattenbach, adulterado, *Clarín*, Buenos Aires, 7 de abril de 2007.
- AMATO, Alberto. La batalla que decidió la guerra de Malvinas, *Clarín*, Buenos Aires, 20 de maio de 2007.
- ANDERSON, Duncan. *The Falklands War 1982*. Osprey, Elms Court, 2002. Ante la batalla de Puerto Argentino, *Política Obrera* n° 330, Buenos Aires, 12 de junho de 1982. Anticolonialistas de palabra, proimperialistas de hecho, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de mayo de 1982. Argentina and the Falklands, *The Economist*, Londres, 7 de abril de 2007. Argentina demands UK nuke apology. *CNN News*, Nova York, 7 de dezembro de 2003.
- ARNAUD, Vicente G. *Las Islas Malvinas*. Buenos Aires, Academia Nacional de Geografía, *Publicación Especial* n° 13, 2000.
- BALL, John et al. *Una Cara de la Moneda*. Buenos Aires, Hyspamérica, 1983. BARNETT, Anthony. *Iron Britannia*. Why Parliament waged its Falklands war. Londres, Allison & Busby, 1982.

BECK, Peter J. The Anglo-Argentine dispute over title to the Falkland Islands: changing British perceptions on sovereignty since 1910. *Millennium Journal of International Studies* n° 12, Londres, 1983.

BECK, Peter J. *The Falkland Islands*. Dispute as an international problem. Londres, Routledge, 1988.

BERNAL, Federico. La Arabia más austral del mundo, *Le Monde Diplomatique/Dipló*, Buenos Aires, abril de 2009.

BERNAL, Federico. *Malvinas y Petróleo*. Una historia de piratas. Buenos Aires, Capital Intelectual, 2011.

BICHENO, Hugh. *Razor's Edge*. The unofficial history of the Falklands War. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 2006. Blair: la soberanía de Malvinas no es negociable, *Clarín*, Buenos Aires, 6 de noviembre de 1998.

BOAVENTURA, Jorge. Uma nova OEA? *Folha de S. Paulo*, 10 de julho de 1982. BOIKO, Pavel. Ascenso da luta anti-imperialista. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e conseqüências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.

BONNET, Alberto. La izquierda argentina y la guerra de las Malvinas. *Razón y Revolución* n° 3, Buenos Aires, invierno de 1997.

BORÓN, Atilio; FAÚNDEZ, Julio (eds.). *Malvinas Hoy*. Herencia de un conflicto. Buenos Aires, Puntosur, 1989.

BOUGAINVILLE, Louis A. *Viaje Alrededor del Mundo*. Por la fragata del rey la Boudeuse y la fusta la Estrella en 1767, 1768 y 1769. Madri, Espasa Calpe, 1966. BOUND, Graham Bound. *Falklands Islanders at War*. Londres, Pen & Sword, 2002. BOUZAS, Roberto; RUSSELL, Roberto. *Estados Unidos y la Transición Argentina*. Buenos Aires, Legasa, 1989.

BRAMLEY, Vincent. Los crímenes de la guerra, *Clarín*, Buenos Aires, 14 de junho de 1992.

BROWN, David. *The Royal Navy and the Falklands War*. Londres, Leo Cooper, 1987. BRUTENTS, Karen. Conflicto no Atlántico Sul: conseqüências e lições. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e conseqüências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.

BUNGE, Alejandro. *Una Nueva Argentina*. Buenos Aires, Hyspamérica, 1984.

BURNS MARAÑÓN, Jimmy. *La Tierra que Perdió sus Héroes*. La guerra de Malvinas y la transición democrática en Argentina. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1992.

BÜSSER, Carlos. *Malvinas*. La guerra inconclusa. Buenos Aires, Fernández Reguera, 1987.

CAILLET-BOIS, Ricardo. *Una Tierra Argentina: las Islas Malvinas*. Buenos Aires, Academia Nacional de Historia, 1982.

CALVERT, Peter. *The Falklands Crisis*. The rights and the wrongs. Londres, Frances Pinter, 1982.

CAMILIÓN, Oscar. *Memorias Políticas*. Buenos Aires, Planeta, 1999.

CANCLINI, Arnoldo. *Malvinas, su Historia en Historias*. Buenos Aires, Planeta, 2000. CARBAJAL, Marina. *Malvinas*. Resultados de la política exterior argentina en el período 1983-1989. Buenos Aires, Universidad

Torcuato Di Tella, 1997.

- CARDOSO, Oscar R; KISCHBAUM, Ricardo; VAN DER KOOY, Eduardo. *Malvinas*. La trama secreta. Buenos Aires, Planeta, 1992.
- CHEINBAUM, Lina. Fontes do conflito das Malvinas. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e consequências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.
- CHOKINA, Izabella. O movimento operário argentino em uma nova etapa. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e consequências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.
- COGGIOLA, Osvaldo. *De Perón a Alfonsín*. São Paulo, Quilombo, 1986.
- COGGIOLA, Osvaldo. Há 25 anos terminava a guerra das Malvinas, *USP Online*, São Paulo, 14 de junho de 2007.
- COLLIER, Simon; SATER, William. *A History of Chile, 1808-1994*. Nova York, Cambridge University Press, 1997. Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales. *Malvinas, Georgias y Sandwich del Sur*. Diplomacia argentina en las Naciones Unidas 1945-1981. Buenos Aires, CARI, 1983.
- COOKSEY, Jon. *Mount Longdon: The Bloodiest Battle*. Londres, Pen & Sword Books, 1987.
- COROMINAS, Enrique V. *Como Defendí Malvinas*. Buenos Aires, El Ateneo, 1950.
- CROSS, John. *Gurkhas at War*. In their own words. Londres, Greenhill Books, 2002.
- DALYELL, Tam. *One Man's Falklands*. Londres, Cecil Woolf, 1982.
- DALYELL, Tam. *Thatcher's Torpedo*. Londres, Cecil Woolf, 1983.
- DANCHEV, Alex. *International Perspectives on the Falkland Conflict*. Nova York, St. Martin's Press, 1992.
- DEL CARRIL, Bonifacio. *La Cuestión de las Malvinas*. Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.
- Departamento de Estado dos EUA/Bureau de Assuntos Públicos. Democracia na América Latina e no Caribe. A promessa e o desafio. *Relatório Especial* n° 158, Washington DC, março 1987.
- DESTEFANI, Lauiro H. *Malvinas, Georgias y Sandwich del Sur*. Ante el conflicto con Gran Bretaña. Buenos Aires, Edipress, 1982.
- DOS SANTOS, Mario. La dictadura brasileña con el amo del norte, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982.
- EDDY, Paul; LINKLATER, Magnus; GILLMAN, Peter. *The Falklands War*. The full story. Londres, Sphere Books, 1982.
- El Papa viene a acabar el trabajo de la flota británica, *Política Obrera* n° 330, Buenos Aires, 12 de junho de 1982.
- ENGLISH, Adrian; WATTS, Anthony. *Battle for the Falklands*. London, Osprey, 1982.
- ESCODÉ, Carlos. Gestos y caricaturas, *La Nación*, Buenos Aires, 2 de abril de 2009.
- ESCODÉ, Carlos. *La Argentina vs. las Grandes Potencias*. El precio del desafío. Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1986.
- ESCUDERO, Lucrecia. *Malvinas: el Gran Relato*. Fuentes y rumores en la información de guerra. Buenos Aires, Gedisa, 1987.
- ESTEBAN, Edgardo. *Malvinas, Diario del Regreso*. Havana, Arte y Literatura, 2010.
- FAVA, Athos. *Malvinas*. Batalla por una nueva Argentina. Buenos Aires, Fundamentos, 1982.
- FEMENIA, Nora. *National Identity in Times of Crises*. The scripts of the Falklands-Malvinas war. Nova York, Nova Science, 1996.
- FERNS, Harry S. *Gran Bretaña y Argentina en el siglo XIX*. Buenos Aires, Solar/Hachette, 1979.

FERRER VIEYRA, Enrique. *Segunda Cronología Legal Anotada sobre las Islas Malvinas*. Córdoba, Biffignandi, 1993.

FERRER, Aldo. *La Posguerra*. Buenos Aires, El Cid, 1982.

FITTE, Ernesto J. *La Disputa con la Gran Bretaña por las Islas del Atlántico Sur*. Buenos Aires, Emecé, 1968.

FOREMAN, Amanda. The new Thatcher era, *Newsweek*, Nova York, 26 de dezembro de 2011.

FREEDMAN, Lawrence. *Official History of the Falklands Campaign*. Londres, Frank Cass, 2005.

FREEDMAN, Lawrence; GAMBA-STONEHOUSE, Virginia. *Signals of War*. The Falklands conflict of 1982. Nova York, Princeton University Press, 1991.

FREGEIRO, C. L. *Lecciones de Historia Argentina*. Buenos Aires, Rivadavia, 1905. GAMBINI, Hugo. *Crónica Documental de las Malvinas*. Buenos Aires, Redacción, 1982.

GARCIA DEL SOLAR, Lucio. Para recuperar Malvinas, jamás se debió abandonar la vía pacífica, *Clarín*, Buenos Aires, 2 de abril de 2007.

GARCIA LUPO, Rogelio. *Diplomacia Secreta y Rendición Incondicional*. Buenos Aires, Legasa, 1983.

GAVSHON, Arthur; RICE, Desmond. *The Sinking of the Belgrano*. Londres, Secker & Warburg, 1984.

GIL MUNILLA, Octavio. *Malvinas: el Conflicto Anglo-Español de 1770*. Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1948.

GOEBEL, Julius. *The Struggle for the Falkland Islands*. A study in legal and diplomatic history. New Heaven, Yale University Press, 1982.

GREIG, D.W. Sovereignty and the Falkland Islands crisis. *Australian Year Book of International Law*, Vol. 8 (1983).

GRIGULEVITCH, Iossif. O papa João Paulo II e a crise das Malvinas. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falklands)*. Causas e conseqüências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.

GROUSSAC, Paul. *Las Islas Malvinas*. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1982.

GROVE, Eric J. *Vanguard to Trident*. British naval policy since World War II. Londres, The Bodley Head, 1987. Guerra das Malvinas. In: *Guerra na Paz*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984.

GUERRERO, Alejandro. De la Colonia a la primera invasión inglesa, *Prensa Obrera* nº 1212, Buenos Aires, 1º de março de 2012.

GUGLIAMELLI, Juan E. *El Conflicto del Beagle*. Buenos Aires, El Cid, 1978. GUSTAFSON, Lowell S. *The Sovereignty Dispute over the Falkland (Malvinas) Islands*. Nova York, Oxford University Press, 1988.

GUSTAFSON, Lowell S. *The Sovereignty Dispute over the Falkland (Malvinas) Islands*. Nova York, Oxford University Press, 1988.

HAIG, Alexander (entrevista). Dejó en claro que si había guerra EEUU estaría con Gran Bretaña, *Clarín*, Buenos Aires, 5 de abril de 2007.

HARCLERODE, Peter. *Fifty Years of The Parachute Regiment*. Londres, Arms and Armour Press, 1993.

- HARRIS, Robert. *Gotcha!* The media, the government and the Falklands crisis. Londres, Faber & Faber, 1983.
- HASTINGS, Max. Malvinas significa mucho más para la Argentina que para Gran Bretaña, *Clarín*, Buenos Aires, 4 de abril de 2007.
- HASTINGS, Max; JENKINS, Simon. *La Batalla por Malvinas*. Buenos Aires, Emecé, 1984.
- HERMAN, Albert. *To Rule The Waves*. How the British Navy shaped the modern world. Nova York, Harper Collins, 2004.
- HIDALGO NIETO, Manuel. *La Cuestión de las Malvinas*. Contribución al estudio de las relaciones hispano-inglesas en el siglo XVIII. Madri, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1947.
- HOBSON, Chris; NOBLE, Andrew. *Falklands Air War*. Nova York, Norton, 1984. HOFFMANN, Fritz e Olga M. *Soberanía en Disputa*. Las Malvinas/Falklands 1493-1982. Buenos Aires, Instituto de Publicaciones Navales, 1992.
- HUNT, Rex. *My Falkland Days*. Londres, Politico's Publishing, 1992.
- IVANOV, L. et al. *The Future of the Falkland Islands and Its People*. Sofia, Manfred Wörner Foundation, 2003.
- JAGUARIBE, Hélio. Reflexões sobre o Atlântico Sul, *Folha de S. Paulo*, 26 de junho a 12 de julho de 1982.
- JENKINS, Graham. Reagan, Thatcher, and the tilt. *Automatic Ballpoint*, Nova York, 7 de maio de 2010.
- JENKINS, Simon. La ocupación de Malvinas fracasó por la indisciplina de la Marina, *Clarín*, Buenos Aires, 8 de abril de 2007.
- JOHNSON, Samuel. *Thoughts on the Late Transactions Respecting Falkland's Islands*. Londres, Cadell, 1971.
- JORDÁN, Alberto R. *El Proceso (1976 – 1983)*. Buenos Aires, Emecé, 1993.
- KALEVI, Jaakko Holsti. *The State, War, and the State of War*. Nova York, Cambridge Studies in International Relations, 1996.
- KANAF, Leo. *La Batalla de las Malvinas*. Buenos Aires, Tribuna Abierta, 1982. KERSAUDY, François. Quando as Malvinas foram argentinas. *História Viva* n° 49, São Paulo, 2007.
- KHRUNOV, Iuri. O Atlântico Sul nos planos do imperialismo. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e consequências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.
- KINNEY, Douglas. *National Interest/National Honor*. The diplomacy of the Falkland crisis. Nova York, Praeger, 1989.
- KON, Daniel. *Los Chicos de la Guerra*. Buenos Aires, Galerna, 1982. La burguesía y la dictadura traicionan las reivindicaciones nacionales, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982. La flota pirata lleva armas nucleares tácticas, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982. La política yanqui y sus diferencias con el imperialismo inglés, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982. La situación política en esta etapa de la guerra, *Política Obrera* n° 330, Buenos Aires, 12 de junho de 1982.

LABORDE, Julio; BERTACCINI, Rina. *Malvinas en el Plan Global del Imperialismo*. Buenos Aires, Anteo, 1987.

LAMI DOZO, Basilio. Después de Malvinas, iban a atacar a Chile. *Perfil*, Buenos Aires, 22 de novembro de 2009.

LANÚS, Juan A. *De Chapultepec al Beagle*. Política exterior argentina 1945-1980. Buenos Aires, Emecé, 1984. Las clases frente a la agresión imperialista, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982.

LAZAREV, Marklen. O aspecto jurídico do conflito das Malvinas. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e conseqüências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.

LEBOW, Richard. Miscalculation in the South Atlantic: the origins of the Falklands war. In: *Psychology and Deterrence*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1985. LEIGH, David. A guerra vista do submarino que afundou o Belgrano., *Folha de S. Paulo*, 2 de dezembro de 1984.

LEVY, Jack; VAKILI, Lilian. diversionary action by authoritarian regimes: Argentina in the Falklands/ Malvinas case In: MIDLARSKY, Manus. *The Internationalization of Communal Strife*. London, Routledge, 1991.

LORENZ, Federico. Malvinas y la democracia, *Le Monde Diplomatique/Dipló*, Buenos Aires, abril de 2010.

LUNA, Félix. *Los Conflictos Armados*. De las invasiones inglesas a la guerra de Malvinas. Buenos Aires, Planeta, 2003.

LUNIN, Viktor. A solidariedade latino-americana. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e conseqüências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.

LYNCH, John (1986). Juan Manuel de Rosas. Buenos Aires: Hyspamérica.

MAGRI, Julio N. Malvinas: epitafio. *Internacionalismo* n° 5, Buenos Aires, agosto de 1982. Malvinas, vidas cruzadas, vidas paralelas, *Clarín*, Buenos Aires, 8 de abril de 2007. Malvinas: para luchar contra el imperialismo ningún apoyo a la dictadura, *Política Obrera* n° 328, Buenos Aires, 5 de abril de 1982. Margaret Thatcher threatened to use nukes during Falkland Islands war. *News Max*, Nova York, 21 de novembro de 2005.

MARTYNOV, Boris. A posição da OEA. In: GONTCHAROV, Andrei (ed.). *A Crise das Malvinas (Falclanda)*. Causas e conseqüências. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1984.

MAYORGA, Horacio A. *No Vencidos*. Relato de las operaciones navales en el conflicto del Atlántico Sur. Buenos Aires, Planeta, 1998.

MCMANNERS, Hugh. *Forgotten Voices of the Falklands*. Londres, Ebury Press, 2007. MEDEOT, Enrique. La verdadera historia de la caída de Galtieri, *Clarín*, Buenos Aires, 14 de junho de 1992.

MELLO MOURÃO, Gerardo. Conflito apresenta riscos à segurança do Terceiro Mundo, *Folha de S. Paulo*, 13 de junho de 1982.

MIDDLEBROOK, Kevin J.; RICO, Carlos. *The United States and Latin America in the 1980s*. Contending perspectives of a decade of crisis. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1986.

MIDDLEBROOK, Martin. *Operation Corporate*. The story of the Falklands War. Londres, Penguin Books, 1985.

- MIDDLEBROOK, Martin. *The Argentine Fight for the Malvinas*. Londres, Pen & Sword Books, 1989.
- MIDDLEBROOK, Martin. *The Fight for the "Malvinas"*. The Argentine forces in the Falklands War. London, Penguin Books, 1989.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *Formação do Império Americano*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- MUÑOZ ASPIRI, José. *Historia Completa de las Malvinas*. Buenos Aires, Oriente, 1966.
- NORTON-TAYLOR, Richard. *The Ponting Affair*. Londres, Cecil Woolf, 1985.
- NOTT, John. Aquella fue la guerra de una mujer obstinada, y la ganó, *Clarín*, Buenos Aires, 6 de abril de 2007.
- NOTT, John. Here today, gone tomorrow, <http://www.falklands.info/history/hist82article17.html>.
- O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe; WHITEHEAD, Laurence. *Transitions from Authoritarian Rule*. Latin America. Baltimore – Londres, Johns Hopkins, 1986.
- O'TOOLE, Molly. The new Falklands war, *Newsweek*, Nova York, 15 de março de 2010.
- OLIVIERI LÓPEZ, Ángel M. *Malvinas*. La clave del enigma. Buenos Aires, Grupo Editor Latinoamericano, 1992.
- O'SULLIVAN, John. *El Presidente, el Papa y la Primera Ministra*. Madri, Cambio 16, 2007.
- PEREIRA, Roberto. As perdas no duelo desigual, *Folha de S. Paulo*, 4 de maio de 1982.
- PEREYRA, Ezequiel F. *Las Islas Malvinas*. Soberanía argentina. Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1968.
- PERKINS, Dexter. *Historia de la Doctrina Monroe*. Buenos Aires, Eudeba, 1964
- PERL, Raphael. *The Falkland Islands Dispute in International Law and Politics*. A documentary sourcebook. Londres, Oceana Publications, 1983.
- PIÑEIRO, Armando A. *Historia de la Guerra de Malvinas*. Buenos Aires, Planeta, 1992. PLAGER, Silvia; FRAGA VIDAL, Elsa. *Nostalgias de Malvinas*. Maria Vernet, la última gobernadora. Buenos Aires, Ediciones B, 2005. Política Obrera y la guerra de las Malvinas. *Internacionalismo* n° 5, Buenos Aires, agosto de 1982.
- PONTING, Clive. *The Right to Know*. The inside story of the Belgrano Affair. Londres, Sphere Books, 1985.
- POPE, Dudley. *The Battle of the River Plate*. Nova York, Avon Books, 1990. Por una Conferencia Internacional, en Buenos Aires, contra el imperialismo, *Política Obrera* n° 329, Buenos Aires, 9 de maio de 1982.
- QUARRIE, Bruce. *The Worlds Elite Forces*. Londres, Octopus Books, 1985.
- QUEIROZ DUARTE, Paulo de. *Conflicto das Malvinas*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1986.
- QUELLET, Ricardo L. *Historia Política de las Islas Malvinas*. Buenos Aires, Escuela Superior de Guerra, 1982.
- RABILOTTA, Alberto. El carburante del imperialismo y sus aliados. *Alai Amlatina*, 19 de janeiro de 2012.

RAMAL, Marcelo. Malvinas: el ruido y las nueces de los “hermanos latinoamericanos”. *Prensa Obrera* n° 1212, Buenos Aires, 1° de março de 2012. Reagan ofreció ser mediador, *Clarín*, Buenos Aires, 6 de abril de 1992.

RIVAS, Santiago; CICALES, Juan C. *Malvinas 1982*. São Paulo, C&R Editorial, 2007. ROBERTS, Gretchen. *Caspar Weinberger in the Arena*. A memoir of the Twentieth Century. Washington, Regnery, 2001.

RODRÍGUEZ BERRUTI, Camilo H. *Malvinas, Última Frontera del Colonialismo*. Hechos, legitimidad, opinión, documentos. Buenos Aires, Eudeba, 1975.

ROMERO, José Luis. *Breve Historia de la Argentina*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1997.

ROSSI, Clóvis. Argentinos anunciam ataque maciço inglês, *Folha de S. Paulo*, 13 de junho de 1982.

ROSSI, Clóvis. Para a Igreja argentina país está em perigo, *Folha de S. Paulo*, 17 de agosto de 1982.

ROUQUIÉ, Alain; LAMOUNIER, Bolívar; SCHVARZER, Jorge. *Como Renascem as Democracias*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

RUGGIERO Romano. Le rivoluzioni del centro e sudamerica, in: *Le Rivoluzioni Borghesi*. Milão, Fratelli Fabbri, 1973.

RUSSELL, Roberto (Ed.). *América Latina y la Guerra del Atlántico Sur*. Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1984.

SCHÖNFELD, Manfred. *La Guerra Austral*. Buenos Aires, Desafío Editores, 1982. Se capitula en el TIAR y se hace demagogia con una OELA, *Política Obrera* n° 330, Buenos Aires, 12 de junho de 1982.

SILENZI DE STAGNI, Adolfo. *Las Malvinas y el Petróleo*. Buenos Aires, El Cid, 1982. SIMEONI, Hector. *Malvinas: Contrahistoria*. Buenos Aires, Editorial Inédita, 1984. SMITH, Wayne S. The United States and South América: beyond the Monroe Doctrine. *Current History* n° 553 (90), Nova York, fevereiro de 1991.

SMITH, Wayne S. *Toward Resolution? The Falklands/Malvinas dispute*. Boulder, Lynne Rienner, 1998.

SPENCER-COOPER, Henry. *The Battle of the Falkland Islands*. Londres, Cassell & Co. 1919.

SYMMONS, Clive R. The maritime zones around the Falkland Islands. *The International and Comparative Law Quarterly* n° 37 (2), Oxford University Press, 1988.

TESLER, Mario. *El Gaucho Antonio Rivero*. La mentira en la historiografía académica. Buenos Aires, Peña Lillo, 1971. The UK-US special relationship: myths and reality, *America in the World*, Nova York, agosto de 2008.

THOMPSON, Julian. *No Picnic*. Londres, Fontana, 1986.

THORNTON, Richard C. *The Falklands Sting*. Londres, Brassey's, 1998.

TINKER, David. *A Message from the Falklands*. Londres, Penguin Books, 1982.

TRIAS, Vivian. *Imperialismo y Geopolítica en América Latina*. Buenos Aires, Juárez Editor, 1969.

TUROLO, Carlos. *Así Lucharon*. Buenos Aires, Sudamericana, 1985.

UNDERWOOD, Geoffrey. *Our Falklands War*. The men of the Task Force tell their story. Londres, Maritime Books, 1983.

VIOLA, Oscar Luis. *Malvinas Derrota Diplomática y Militar*. Buenos Aires, Tinta Nueva, 1983.

WIÑAZKI, Miguel. Historia de la censura en los medios ingleses durante Malvinas, *Clarín*, Buenos Aires, 6 de abril de 2007.

WOODWARD, Admiral Sandy. *One Hundred Days*. Annapolis, Naval Institute Press, 1992.

YATES, David. *Bomb Alley*. Falkland Islands 1982. Londres, Pen & Sword Books, 2006. YOFRE, Juan B. *1982. Los documentos secretos de la guerra de Malvinas y el derrumbe del Proceso*. Buenos Aires, Sudamericana, 2011.

YOUNG, Hugo. *One of Us*. A biography of Margaret Thatcher. Londres, MacMillan, 1991.

ZUGADI, Marcelo. *A Guerra das Malvinas*. São Paulo, Aparte, 1982. ZYBLIKIEWICZ, Lubomir. *The Repercussion of the Malvinas/Falklands Conflict for the Foreign Policies of Latin America*. Cracóvia, Prace Ż Nauk, 1991.

Data de Submissão: 19-03-2012

Data de Aprovação: Professor convidado

